

Ministério da Educação

Departamento do Ensino Secundário

Programa de Literaturas de Língua Portuguesa

12.º Ano

Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades

Autores

Alberto Carvalho

Carla Ferreira

Eunice Marta

Coordenador

Alberto Carvalho

Homologação

08/07/2002

ÍNDICE

	Página
1ª Parte. INTRODUÇÃO	
0.1. As Literaturas de Língua Portuguesa	3
0.2. A Disciplina no Perfil Curricular	5
2ª Parte. APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA	
1. Finalidades	8
2. Objectivos	8
3. Visão Geral dos Temas/Conteúdos	9
4. Sugestões Metodológicas Gerais	11
4.1. Sobre o Método	11
5. Competências a Desenvolver	12
5.1 Prática da Cidadania	13
6. Recursos	14
7. Avaliação	15
3ª Parte. DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA	
0.1. Pressupostos Básicos	17
0.2. Diacronia Formativa	18
1. Conteúdos Essenciais	19
2. Gestão Temporal	20
2.1. Distribuição Pedagógica	20
2.2. Sobre o "Corpus" Literário	22
2.3. Literaturas, Autores, Textos	23
3. Sugestões Metodológicas	28
3.1. Das Literaturas em Geral	28
3.2. Do Texto Literário	29
3.3. Das Metodologias em Geral	31
3.4. Da Aprendizagem das Leituras	33
3.5. Dos Caminhos da Leitura Analítica	34
3.6. Do Conhecimento das Literaturas de Língua Portuguesa	36
3.7. Operacionalização	38
3.7.1. Sobre os Meios Audiovisuais	38
4ª Parte. BIBLIOGRAFIA	
1. Ciências da Educação/ Didáctica	39
2. Teoria Literária e Ensaio	40
3. Antropologia, Cultura, Literatura, Crítica	42
4. Enciclopédias, Dicionários, Revistas	47
5. Endereços na Internet	47

1ª Parte. INTRODUÇÃO

0.1. As Literaturas de Língua Portuguesa

Como indica o nome da disciplina, um dos seus primeiros dados de caracterização consiste na pluralidade das matérias que a compõem, distribuídas por dois domínios, o da repartição no espaço geográfico e o da pertença nacional. No primeiro figuram as áreas do Brasil, de África e da Ásia-Sul, enquanto no das nacionalidades comparecem, além da literatura brasileira, cinco africanas, cabo-verdiana, guineense, são-tomense, angolana, moçambicana, e a timorense, todas ligadas pela partilha da mesma língua de mediação discursiva e de comunicação.

Literaturas diferenciadas por traços específicos, e com distintas características de composição, globalmente respondem a vários aspectos do figurino do perfil curricular do Ensino Secundário. Sob o princípio da coerência, o percurso formativo em que intervêm representa uma opção consequente nos tempos presentes, por um lado, preservando a unidade do processo do conhecimento delegado à Escola e, por outro, abrindo esse conhecimento ao despiste de “saberes” de interesse actual, para que os jovens se possam orientar, mais bem apetrechados nos diversos caminhos da vida.

Representa, por isso, um impulso inovador a atenção concedida a estas Literaturas, de acordo com o princípio directivo de política educativa do Ensino Secundário que prevê, na letra do documento *Revisão Curricular no Ensino Secundário-Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos I* (Lisboa, DES, 1ª ed., Abr./2000, p. 7), a abertura multicultural das matérias escolares. O pressuposto justificativo de tal orientação, exposto em texto normativo de data anterior, *Desenvolver, Consolidar, Orientar - Documento orientador das políticas para o ensino secundário* (Lisboa, ME, Nov./1997), é ainda mais claro, consagrando a necessidade de um “currículo nacional [...] centrado na aquisição de competências básicas transversais em todos os cursos e vias, mas aberto à diversificação das formações” (p. 13).

Do valor metafórico de “transversais” deduz-se o propósito formativo da “educação para a cidadania”, várias vezes reiterado (*id.*, pp. 11, 14). Enquanto formação orientada

para a vida cívica, a cidadania entende-se como resposta às “legítimas expectativas dos jovens e das famílias” (*Revisão Curricular [...]*, p. 7). Assim se enuncia o que numa sociedade competitiva (na portuguesa), no conjunto dos “países da União Europeia” (*id.*, *ibid.*), deve animar a Escola como agente formativo num contexto onde é inevitável o encontro de “sociedades cada vez mais multiculturais” (*id.*, *ibid.*). A formação cultural será por certo a que melhor responde à preparação flexível dos jovens para os desafios sociais, e que mais favorece a sua integração na vida produtiva, na vivência com os outros e com os mundos que lhes dão forma e substância.

Neste propósito de abertura se compreendem as literaturas brasileira, africanas e timorense que constituem hoje realidades de protagonismo notável, de valor irrecusável ou de significativa emergência. Ainda que só tomadas pelos méritos próprios, ou pelo que exprimem, não podem deixar de engrandecer também o espaço cultural português, quer pela facticidade que associou durante vários séculos as respectivas Histórias, quer pela circunstância maior de a partilha da língua portuguesa ser responsável pela vigência de um fundo enriquecedor de afinidades e de diferenças.

Justifica-se então que se diga ser o conhecimento destas literaturas uma forma de testemunho ao serviço do saber respeitante ao que é, provadamente, a vivacidade plástica da língua portuguesa, como linguagem viageira por muitos caminhos do mundo que, por fim, reaparece no espaço cultural português sob a mediação verbal de distintos mundos recriados. No plano dos protagonismos da Escola, o seu ensino reveste-se de incidências distintas mas convergentes. Representa uma decisão de alcance político-diplomático no aprofundamento dos laços entre Portugal e os restantes Países de Língua Portuguesa no espaço da Lusofonia, exemplar como estratégia educativa capaz de suscitar a atitude da reciprocidade. Por outro lado, contribui para a diversificação do gosto de ler, que terá na Escola o agente mais bem apetrechado no plano técnico, em vista da preparação de cidadãos letrados. Pelo saber adquirido na vivência de um mais largo espectro de autores e obras poderão os alunos encontrar novos motivos para o despertar da sua sensibilidade, para saírem de si levados pelo que de diferente a representação literária destas literaturas oferece de mundos possíveis.

O seu entrosamento opcional no lugar terminal do currículo do Curso Geral de Línguas e Literaturas responde, assim, à tática da abertura multicultural de grande efeito multiplicador. Os conteúdos-mensagem e os mundos por elas representados, animados

pelas motivações da disciplina, entram num horizonte de espera que excita uma significativa carga de apetências, virtualmente disponíveis. A favor desta apetência, em especial na área africana, colabora ainda a familiaridade de muitos estudantes com os universos eventualmente conhecidos ou vivenciados por muitos dos pais e, por isso, por eles invocados no convívio doméstico. A fecundidade da disciplina será neste caso dupla, dando acesso a um saber de iniciação e de resgate de passados memoráveis, ao mesmo tempo que passados impregnados de referências capazes de accionarem uma maior dedicação ao estudo de outras disciplinas, reproduzindo-se transversalmente no processo interdisciplinar do currículo.

0.2. A Disciplina no Perfil Curricular

Sob vários ângulos se podem perspectivar os pontos de aplicação da disciplina de Literaturas de Língua Portuguesa e sua integração como opção no currículo terminal do Curso Geral de Línguas e Literaturas. Embora com o risco de afrontar algumas ideias feitas, tem-se em atenção a necessidade de se considerarem os fundamentos psicológicos que ordenam a economia dos relacionamentos humanos, tratando-se de um currículo vocacionado para a formação dos jovens, qualquer que seja a direcção em que se considerem, perspectivem os objectivos gerais do Ensino Secundário. Sem uma convincente imagem de si, em forma de justa auto-estima histórica e cultural em se ser cidadão português, não é seguro que os jovens venham a concretizar, por integração numa personalidade coerente, aquilo em que a Escola se propõe investir em ordem à aquisição de conhecimentos, à sedimentação de “saberes” e ao adestramento de sólidas competências para os desafios da vida. E estes serão sempre objectivos basilares, pouco importa que visem destinos profissionais ou, de uma maneira muito mais alargada, se orientem para as práticas sociais e criativas ou para a empenhada participação na vida produtiva, na cultura, na civilidade, na solidariedade, na cidadania.

Será legítimo esperar que, neste “Portugal na Balança da Europa” (Garrett, 1830), as consciências bem formadas em idade juvenil se encontrem preparadas para o respeito pelos valores que enformam a substância da realidade portuguesa. Assume-se que as literaturas de língua portuguesa (para lá dos atributos próprios) não deixam de registar as circunstâncias históricas da colaboração portuguesa na sua formação, emergência e

consolidação. Assim, a sua inclusão no ensino escolar justifica-se pelo dever formativo da Escola e constitui um dos mais seguros caminhos para um vasto desiderato educativo.

Além da aprendizagem do que elas são, e do que permitem conhecer de si, na demora da sua frequência ainda se constrói, como fundo causativo, o peso da historicidade dos portugueses no mundo. Factualmente, o saber-se mais neste domínio do conhecimento formador reproduz-se como intencionalidade do foro das consciências, como consciência receptiva de outras formações sociais e culturais, maneira de consolidar noções acertadas sobre a diversidade humana em tudo favoráveis à sua compreensão e à sua tolerância.

Esta localização das literaturas de língua portuguesa no final do currículo implica o redobrado interesse pela relação interdisciplinar com outras disciplinas de línguas e de literaturas, bem como de História. Delas se pode partir para a exploração do princípio da coerência do diverso, a respeito dos conteúdos do Programa, com base no facto notado de o português ser o mediador de conteúdos literários pertencentes a áreas nacionais muito distintas. Dá-se assim uma significativa achega à reflexão etno-antropológica de cunho democratizante sobre a caracterização cultural dos povos.

O facto de distintas literaturas se escreverem em português invalida, pois, a tese que considerava as línguas como expressão da alma de um povo, agora cingidas a factor que, com outros, enforma as substâncias de identificação nacional. Estudá-las é apreender a individualidade das culturas que as sustentam e, ao mesmo tempo, reconhecer que o português entra no paradigma histórico das grandes famílias linguísticas, para ser com outras línguas (v.g. francesa, inglesa, espanhola, árabe) uma língua de cultura no mundo.

Cabe à língua portuguesa protagonizar a asserção “uma língua, várias nacionalidades”, neste caso nacionalidades das culturas lusófonas. O interesse científico da questão para a Disciplina assenta no reconhecimento de que a partilha de uma língua (portuguesa, no caso) por várias literaturas obriga à consideração expressa das categorias do “mesmo” e de “outrem”. A “mesma” língua é o mediador de distintas literaturas a que correspondem linguagens estéticas “outras” e formas diferentes de ser da língua portuguesa, e por isso operadoras visíveis da demarcação das distintas literaturas nacionais.

Sendo hoje a Escola um espaço privilegiado de multiculturalidades abertas sobre diversas áreas do conhecimento, um dos seus papéis consiste em edificar o sentido activo do respeito pelas outras culturas e, mais, da abertura aos outros e às suas particularidades. Investir no conhecimento de base das afinidades que as unem, e na concretização das

diferenças que marcam as suas individualidades, parece ser uma maneira de a Instituição exercer as suas funções de sorvedor das comunidades e, assim, de núcleo mediador de mudanças sociais onde os alunos se sintam incluídos como agentes privilegiados.

Daí deriva também o protagonismo cívico que à Escola confere a inclusão curricular das literaturas de língua portuguesa, nomeadamente no plano da intervenção regional. Mesmo sem realizações materiais e financeiras significativas, fica a Escola dotada de meios de apreciável relevo, por legitimação institucional, para participar na estratégia municipalista de grande parte das autarquias portuguesas, desejosas de reatarem laços comunitários com as suas congéneres africanas por via da tática das geminações.

As inúmeras iniciativas que, desde os anos setenta, e nas mais diversas escolas de Portugal, têm vindo a ser empreendidas pelos professores, com o bom acolhimento dos Conselhos Directivos/Executivos, encontram finalmente nesta integração curricular da Disciplina o resgate de um valor à conta dos seus entusiasmos (voluntaristas) e das suas actividades circum-escolares. Servidas por um enquadramento institucional, reúnem tais actividades outras condições de intervenção por ligação activa da Escola às mais diversas áreas socioculturais da Comunidade, uma das muitas maneiras de participação cultural onde a cidadania e o exercício do espírito de abertura compreensiva se realizam por aprendizagem em acção, em ordem à mais-valia humana comum, preciosa para cimentar o lado pragmático dos factos objectivos e dos negócios da vida.

2ª Parte. APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA

1. Finalidades

Com fundamento na relação lógica sujeito / objecto / destinatário, por “finalidades” entende-se o que incide sobre o objecto-conteúdo do Programa:

- a.** desenvolver conjuntos adequados de conhecimento sobre historiografia, cultura e literatura, relacionados e integrados em espaços nacionais no domínio da Lusofonia;
- b.** consolidar o conhecimento sobre géneros, autores e obras tomados por referência representativa;
- c.** promover a capacidade de selecção e emprego dos instrumentos teóricos adequados a uma leitura metódica dos textos;
- d.** exercitar o relacionamento com os textos em sequências orientadas de leitura, entre a impressionista e a reflexiva, em ordem às significações, sentidos e valores dos textos;
- e.** evidenciar o papel modelador da língua portuguesa em forma de linguagens literárias distintas, valorizando-a como mediador criativo de representações de interesse humano;
- f.** aprofundar o sentimento de familiaridade com o livro e com a leitura destas novas literaturas, evidenciando os seus fundamentos estético, ético, lúdico, semântico;
- g.** identificar as literaturas com os objectos do gosto pessoal e do desejo orientado pela utilidade da descoberta de si, e dos outros, em todos os mundos possíveis;
- h.** incentivar a projecção do enriquecimento literário, das vivências e dos mundos a que os livros dão acesso, sobre o fundo motivador de atitudes culturais, sociais, cívicas, de cidadania, de solidariedade, de tolerância.

2. Objectivos

Com o mesmo fundamento lógico, considera-se que os “objectivos” incidem sobre o destinatário-aluno:

- a.** adquirir o interesse pela aprendizagem sobre obras de efeitos estéticos, destas e de todas as outras literaturas;
- b.** aperfeiçoar a consciência do literário, de conteúdos irreduzíveis à vida empírica, em atenção à sua qualidade de ficção e de criatividade, a despeito das vocações ideológica e documental de muitos textos narrativos e poéticos;

c. adestrar o saber quanto a protocolos, comuns e específicos, a serem adoptados nas situações de leitura, p.ex., lúdica, emocionada, crítica, ensaística;

d. desenvolver o princípio da utilidade do apetrechamento da leitura entre um mínimo de ideias, noções, categorias e um nível satisfatório de elementos conceptuais, ajustados às particularidades literárias do objecto;

e. apreender, sem a desfazer, a ambiguidade formativa dos textos literários, em especial sobre os planos das linguagens em que o português se converte em matéria plástica e dos conteúdos próprios dos mundos lusófonos;

f. edificar a convicção da leitura como via de enriquecimento pessoal no sentido da formação integral do carácter e da personalidade flexível;

g. produzir textos de ensaio e de escrita criativa e realizar exposições orais, partindo de tópicos como, i)- tipologia (paráfrase, resumo, interpretação, comentário, dissertação), ii)- exposição (coerência, clareza, correcção), iii)- linguagem (morfologia, sintaxe, elocução).

3. Visão Geral dos Temas/Conteúdos

O facto de as Literaturas de Língua Portuguesa, Brasileira, Africanas e Timorense, se realizarem com figurinos próprios em língua portuguesa não é alheio a pressupostos de temporalidade cultural, histórica e genológica, bem como à representação de realidades em espaços territoriais distintos. Considera-se que a territorialidade constitui um atributo de demarcação essencial para reordenar, p.ex., no domínio das literaturas africanas, as insulares e as continentais. Por cruzamento de critérios, pode-se dizer que a literatura brasileira, a guineense, angolana e moçambicana compõem um conjunto continental, ficando o grupo insular reservado à cabo-verdiana, à são-tomense e à timorense.

Sob o tópico territorial, outra anotação deve ser feita para as diferenciar das da latitude ocidental-norte (p.ex., europeias). Nos universos por estas representados predominam, no geral, contextos de matriz urbana que incentivam protagonismos individualistas e, assim, a configuração de conteúdos de acentuado enquadramento social. Ainda que com menor evidência de significações na literatura brasileira, ou não tanto, se se considerar o realismo regionalista nordestino, nas literaturas africanas, pelo contrário, é bastante forte o

sentido da valorização das matrizes etno-antropológicas dos seus universos humanos, sob distintos efeitos semânticos, conceptuais, simbólicos, substanciais, formais.

Com este fundamento (etno-antropológico) se evoca a questão do relacionamento entre a arte, a literatura e a sociedade que, sob o preceito da autonomia da arte, se exprime na historiografia literária europeia como concepção estética das "Belles Lettres", de "Arte pela Arte". Embora registre uma presença de significativo valor na literatura brasileira, e um cultivo fugaz nas literaturas cabo-verdiana e angolana na segunda metade do Séc. XIX, esta concepção, como aliás muitas outras, não pode ser transposta mecanicamente para o contexto das literaturas africanas continentais.

As periodologias literárias são a este propósito esclarecedoras. Depois dos tempos pioneiros desde meados do Séc. XIX (excepto em Moçambique e Guiné) dominados por estéticas que se dedicavam à fundação do sistema da escrita, nas décadas mais recentes (1940-1980) as literaturas assumem o comprometimento social, como que resgatando o papel interventivo das literaturas orais vernáculas, nomeadamente o conto, reguladoras da ordem comunitária. Motivadas pelas ideias nacionalistas, as poéticas do empenhamento registam efeitos estilísticos de apreciável interesse, seja nos endereços entre os conteúdos e realidades contextuais, seja nas formas, géneros e retóricas predominantes, fazendo sobressair os registos imagéticos das relações empíricas, sensoriais e sensuais, entre a linguagem, os seres e os seus meios envolventes, ao mesmo tempo que sobre o fundo emoldurado pelo ideal da soberania.

Ainda que estas literaturas não impliquem o recurso a modelos poéticos específicos, nem envolvam categorias estéticas de todo estranhas à formação literária europeia, será importante atender a certas particularidades essenciais. Devido às questões de valor ético que impregnam a estética dos textos, não raro as significações de nível simbólico só serão validadas tendo em conta os dados etnoculturais de referência tradicional como, p.ex., nos cromatismos, no ciclo da vida, da morte, do amor, da família, da sabedoria, da iniciação, dos escalonamentos da "idade etária", da gerontocracia.

Com idêntica noção de diferença se põe a questão ético-estética do comprometimento militante nos tempos de lutas pelas independências. A despeito das deficiências que, em muitos casos, tal orientação imprimiu à qualidade literária da escrita, esta circunstância desencadeia, por outro lado, a necessidade de alargar a compreensão das significações dos seus textos. Se pela intencionalidade de "ser" estético pertencem ao sistema da literatura,

a intenção imediata do seu "fazer" ético, de participação ideológica expressa, também (e sobretudo, por vezes) as torna ambíguas, ligando-as à ordem epocal das funcionalidades pragmática e sociológica dos textos de valor documental.

4. Sugestões Metodológicas Gerais

O facto de a língua portuguesa ser o mediador destas literaturas oferece a vantagem do seu acesso imediato mas, insiste-se, sob o risco de se cair em confusões simplificadoras. Por isso se justificam as cautelas contra a tendência para reduzir a individualidade e a diferença do “outro” (crioulo, africano, brasileiro, timorense) por assimilação à unicidade do "mesmo" (português). Não somente legítima e necessária, a explicitação de diferenças marcantes, próprias das nacionalidades, é ainda um meio e uma maneira de convivência com elas e de cotejo das afinidades existentes entre estas literaturas e a portuguesa.

4.1. Sobre o Método

Tendo em atenção estes dados, deve-se harmonizar a prática docente na sala de aula segundo, pelo menos, dois princípios:

a. a atitude pedagógica como conjunto de procedimentos destinados à optimização dos relacionamentos entre o professor e os alunos;

b. os procedimentos didácticos como actividade planificadora dos conteúdos lectivos, ordenados segundo uma lógica de desenvolvimento progressivo. E, no espaço da aula, pode-se descrever a prática docente no âmbito das funções da linguagem sobre o eixo comunicativo “Destinador → Mensagem → Destinatário”:

b.1. o professor-destinador e o aluno-destinatário ligam-se pela relação pedagógica em duas funções complementares, formativas. Numa, professor e aluno são os actores de papéis convergentes (e complementares) da função comunicativa, unidos como sujeitos de uma “participação-fazer” posta em comum sobre o texto, em ordem à convivência, ao ensino, à aprendizagem, ao conhecimento. Na outra, ao mesmo tempo, professor e aluno ocupam os pólos do eixo unificador por onde circulam as “mensagens-obras”, com a

função comunicativa vocacionada para a efectivação da “informação-saber” acerca do “objecto-Programa” que ao espaço da aula é endereçado pelas Instituições.

b.2. uma vantagem heurística desta explicitação consiste em responder à questão de fundo da Literatura na Escola. As lições de J. do Prado Coelho e de Aguiar e Silva reconhecem que não se ensina a Literatura (a arte do Autor), mas consideram, com a Sociologia da Leitura Literária, que o público, o destinatário geral, é um leitor virtual. Pertence à Escola e à acção do professor a função de determinar a conversão, por acção antecipadora, do aluno, futuro público virtual, em leitor de facto. De onde se deduz que ensinar Literatura é, antes de mais, criar o desejo do livro, o gosto pela leitura e ensinar a ler de maneira aprazível, consciente, informada.

5. Competências a Desenvolver

Atendendo ao lugar terminal da disciplina no currículo do Curso Geral de Línguas e Literaturas, reforça-se a necessidade da ligação dos vectores “ensino / aprendizagem” e “comunicação formativa / participação”. E por se tratar de matérias de novidade absoluta, os alunos não podem (nem devem) ser levados a mobilizarem informações que excedam os seus conhecimentos actuais. Nestes domínios novos, a pedagogia da descoberta deve por isso visar domínios precisos:

a. o enriquecimento das Competências do aluno orientadas para os seguintes atributos que mutuamente se pressupõem:

a.1. Qualificação / Compreensão: As particularidades das matérias aconselham a que o procedimento metodológico geral comece pela caracterização e integração dos conteúdos novos do Programa. Do aluno espera-se uma atitude mobilizada, de boa compreensão, que o incite à participação nas questões e temáticas tratadas na sala de aula. Em primeiro lugar, a pura empatia e, depois, o entendimento elaborado dos assuntos, segundo registos orais ou escritos, são modos de qualificação que afinam o desenvolvimento da atenção, das capacidades e dos raciocínios;

a.2. Predicação / Expressão: Admitindo que as obras valem na Escola sobretudo pelos conteúdos, o seu estudo é verdadeiramente um "acto de ler", tanto em sentido referencial como metafórico. E são os graus de aprofundamento, as formas e modos de expressão

desse acto que conferem sentido à leitura. Neste domínio, onde pontifica a didáctica dos conteúdos, devem intervir as participações orais e escritas diversificadas em matizes de tipo ingénua-lúdica, compreensiva, interpretativa, comentativa, dissertativa, analítica, judicativa de gosto-qualidade;

b. o plano das Qualificações, que entronca no das Competências com aspectos atinentes à aferição de aproveitamentos globais, orientados para a optimização dos conhecimentos adquiridos. Consideram-se assim dois aspectos:

b.1. Conhecimentos: A informação científica para trabalhar com os textos consiste na posse e utilização de dados, noções, categorias, conceitos de literatura, de historiografia e de cultura. Do seu uso correcto se afere o apetrechamento do aluno e o seu equipamento quanto aos meios indispensáveis ao desenvolvimento das suas apetências e competências em acção na vida prática;

b.2. Atitudes e Valores: Os conhecimentos adquiridos, em forma terminal de saber e de competência adestrada, exprimem o duplo sentido da modelagem dos alunos pelas lições dos textos. Num sentido, realizam a sua formação cultural, intelectual e emocional como leitores de palavra habilitada. No outro, espera-se que este apetrechamento se reproduza na conformação do seu carácter, das melhores atitudes cívicas e da assunção dos valores de ordem social, processo onde se torna muito sensível a prática pedagógica do professor.

5.1. Prática da Cidadania

Acentuando um dos tópicos já referidos, reitera-se o aspecto interessante, de natureza prática, que consiste na exploração das oportunidades, dos recursos e das temáticas que incentivem a ligação das escolas aos seus meios sociais, aproveitando a dinâmica actual da estratégia de geminação entre muitas autarquias portuguesas e as congéneres africanas. Com este aprofundamento, até as Semanas Culturais (que se vêm realizando por conta de pequenos núcleos de professores e alunos) ganham outra legitimidade para entrarem na esfera das actividades planificadas no âmbito da Escola, nomeadamente em projectos de natureza interdisciplinar. Constituem formas de exercitar o seu sentido de iniciativa que, por outro lado, podem desencadear neles o interesse efectivo por práticas cívicas.

6. Recursos

Como é usual em disciplinas literárias, não se aconselha nenhuma especial diversidade de materiais, para além do que é concebível dentro do apetrechamento escolar comum:

a. as Tecnologias que constituem um campo auxiliar interessante na mobilização do discurso pela imagem, eventualmente filmes brasileiros ou africanos. Mas aconselha-se vivamente o recurso a vídeo-filmes de conteúdos culturais, em especial incidentes sobre questões etno-antropológicas, devido ao apelo mobilizador do interesse dos estudantes para assuntos de evidente singularidade nas culturas dos outros. Neste particular, merecem ser destacados, p.ex., os rituais festivos, religiosos e profanos, as danças, coreografias, músicas, cantos, jogos, artes de contar, vestuários, actividades, alguns dos domínios compreendidos pelas tradições de registo oral.

Idêntico interesse se pode imputar aos meios informáticos que, por sobre a própria prática do trabalho em computador, permitem aceder às informações disponíveis a respeito de temas de carácter geral e específico das respectivas áreas, recurso também valioso para o incentivo ao desenvolvimento de trabalhos de investigação orientada;

b. na Biblioteca reside a função indispensável de apoio científico. Não sendo ainda comum e generalizado o mercado do livro brasileiro, africano e timorense de língua portuguesa, considera-se ser necessário o apetrechamento da Biblioteca escolar nos principais géneros, literatura, ensaísmo, crítica, historiografia, cultura, revistas, jornais, que possam fornecer a base satisfatória de um "corpus" activo e passivo de trabalho.

Será pouco recomendável o uso da fotocópia de textos literários e ensaísticos no espaço escolar, atendendo ao que tem de pernicioso e de dissuasor da benéfica frequência directa do livro. Considera-se no entanto adequada a realização de pequenas montagens de páginas de textos, em antologia de narrativa e poesia. No plano material, constitui uma oportunidade para o exercício estético do recorte, distribuição e colagem dos textos sobre a página. No plano pedagógico permite a aplicação e exercício de princípios de natureza didáctica, científica. E isto com a responsabilidade de quem produz uma antologia, para todos os efeitos uma simulação do cânone.

7. Avaliação

No actual contexto educativo, aceita-se como verdade irrefutável que Avaliar não é apenas medir. A Avaliação coloca problemas muito enredados quer aos alunos quer aos professores, devidos, segundo Fernando Augusto Machado (cf. Bibl.), à “complexidade do objecto que se avalia e [...] [aos] inúmeros elementos e condicionantes que se cruzam no acto de avaliar”.

Simplificar e objectivar esta complexidade constitui um desafio a que o docente deve dar resposta, no melhor exercício da sua consciência profissional (de justiça) e de um normativo inerente ao desempenho da sua profissão.

A Avaliação é um instrumento que se destina essencialmente a regular o sentido das aprendizagens. Para que este acto cumpra a sua função, deve desdobrar-se pela dupla vertente do rigor e da continuidade.

Por isso a avaliação da Disciplina compreenderá uma forte componente formativa, tendendo para uma valorização e capitalização da progressão e do desenvolvimento das diversas aprendizagens. Para cumprir essa determinante deverão criar-se, ao longo das aulas, contínuas oportunidades de evolução regulada, propiciadas pela maior diversidade de instrumentos que contemplem o conjunto das capacidades a desenvolver, ajudando o aluno a conservar a sua motivação para as aprendizagens fomentadas.

Assim, em síntese, a Avaliação é:

- a.** um elemento essencial na regulação do processo de ensino e aprendizagem;
- b.** um elemento intrínseco ao processo escolar, possibilitando a introdução de medidas qualitativas conducentes a um progresso consciente;
- c.** um processo que tem em vista uma prática participada pelos vários intervenientes, nomeadamente os alunos e o professor, através da construção dos instrumentos e da sua ponderação, que tome em consideração o conhecimento do aluno e as finalidades da Disciplina e do Ensino Secundário, numa perspectiva global;
- d.** uma forma de ajuda construtiva, facultada ao aluno no sentido de potenciar o seu modo de aprender;
- e.** uma prática contínua e rigorosa que deve recorrer a instrumentos tão diversificados quanto necessários para abranger todas as formas de aprendizagem, tais como:
 - e.1.** exercícios presenciais (realizados na sala de aula);

- e.2.** resumos de textos informativos;
- e.3.** exposições orais programadas;
- e.4.** relatórios de leitura;
- e.5.** fichas de pesquisa e investigação;
- e.6.** grelhas de observação;
- f.** um processo que tem como prioridade absoluta oferecer ao aluno uma constante possibilidade de melhorar o seu nível de aprendizagem;
- g.** um meio de permitir ao aluno uma nova atitude face ao espaço-aula, convertendo-o num lugar de permanente evolução construtiva.

3ª Parte. DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA

Ainda por uma questão de coerência metodológica, tem-se em vista os pressupostos, considerações e conteúdos gerais já referidos, agora sistematizados e aprofundados por alargamento das ideias e linhas de força dominantes aí despistadas. E, para maior clareza, adopta-se o estilo de sumário analítico substantivo, ordenando o essencial dos conteúdos sob a forma de tópicos orientadores, de alcance satisfatório. Procura-se assim estabelecer o equilíbrio entre o que parece contraditório, o largo âmbito das literaturas integradas na disciplina e os limites estreitos de tempo de um ano lectivo.

Torna-se necessário manter aberto o ângulo de incidência das questões enunciadas para que, à partida, não se exclua nenhuma das áreas do conjunto (brasileira, cabo-verdiana, guineense, são-tomense, angolana, moçambicana, timorense). Por regra, tais enunciados devem prever a liberdade de escolha do professor e a sensibilidade dos alunos, quanto aos temas e pistas de trabalho exequíveis no tempo lectivo de um ano.

Na explicitação do desenvolvimento e aplicação do Programa adopta-se o princípio da aproximação gradual mediante: i)- enunciado de noções básicas e de informações sobre espacialidade e diacronia, necessárias ao entendimento das literaturas nos aspectos gerais, exteriores, historiográficos, genológicos; ii)- com uma tal base de conteúdos, enfatiza-se o trabalho aplicado aos textos contemporâneos do "corpus", de maior expressão nacional, valorizados pelo lugar central do Programa.

0.1. Pressupostos Básicos

Uma disciplina em final de percurso escolar pode partir da convicção de que os alunos já se encontram de posse de quesitos fundamentais, tais como:

a. aptidão para caracterizar e distinguir os grandes paradigmas textuais, não-literários e literários e, em cada um, as diferentes tipologias e géneros;

b. domínio de noções sobre o estatuto de verdade das linguagens, verdade entendida ora no sentido de verídico (referente semântico-transitivo de textos documentais), ora de verosímil (referência semântico-intransitiva dos textos literários);

c. adestramento e informações culturais e literárias que permitam a entrada no jogo do texto, em obediência aos seus protocolos e às atitudes canónicas da leitura;

d. agilidade no uso de elementos operatórios (conceitos, noções, categorias, termos) para falar dos textos com uma linguagem eficiente e apropriada.

0.2. Diacronia Formativa

Embora inúteis em outras literaturas, nas de Língua Portuguesa são pedagogicamente oportunas as noções de “emergência” e de “identificação”, ambas necessárias ao traçado básico dos seus perfis, sem as quais o conhecimento delas se perde no vago e difuso por falta de moldura de enquadramento. A noção de “emergência”, com a função de etiqueta taxinómica, serve assim para classificar, distinguindo, as literaturas de países por norma ligados aos processos históricos de colonização europeia nos vários continentes.

Nem sempre adequadamente conhecidas, devido à sua mais ou menos curta história ou às leis do mercado do livro adversas à sua promoção, nem bem reconhecidas por razões ideológicas, ou outras, e talvez por motivo da sua juvenilidade, estas literaturas não raro disseminam no corpo dos seus textos, com maior ou menor evidência ou subtileza, vários elementos propícios à identificação das nacionalidades a que pertencem.

Em ordem ao seu adequado entendimento, são benéficas algumas informações de base como: **i)**- apresentação e caracterização individualizadora das literaturas por situação geográfica e por países; **ii)**- sinopse das formas da expansão geográfica e colonizadora, das formações urbanas, da fundação local dos Prelos e do desenvolvimento da instrução escolar; **iii)**- descrição das territorialidades continentais e insulares, e questão da presença ou do vazio de culturas anteriores de expressão oral e das suas funções e estruturas, mais ou menos projectadas nas literaturas escritas; **iv)**- balizagem das diferentes diacronias literárias e das circunstâncias de desenvolvimento em relação a outros processos socioculturais; **v)**- Descrição de periodologias literárias e suas ligações a movimentos, escolas, tendências e grupos pertencentes a cenas literárias estrangeiras, portuguesa e europeias; **vi)**- caracterização das genologias dominantes e de autores, revistas, jornais, obras e modos de enraizamento nacional, seja por aculturação de modelos de influência, seja por recriação original; **vii)**- anotações sobre a problemática da escrita em línguas vernáculas e da estratégia da moldagem do português nas escritas das diversas nacionalidades.

1. Conteúdos Essenciais

Uma vez que, como se sublinhou, a presente alínea constitui o centro do Programa, a sua lógica obedece tanto a motivações pedagógicas como ao dispositivo das substâncias didácticas. Por fundamento comum considera-se o acréscimo de interesse suscitado pelas obras literárias mais próximas no tempo, seleccionadas sob o critério da qualidade e da representatividade dos autores que, por outro lado, encontram na dinâmica comunicativa e editorial a valorização da sua contemporaneidade expressiva e atractiva:

a. os distintos momentos iniciadores da modernidade nacional, com as suas principais referências de inspiração e influência: p.ex., Brasil (1922), Cabo Verde (1936), Angola (1948), Moçambique (1945-47);

b. a questão dos grupos geracionais, movimentos de ruptura, revistas e ideias estéticas e poéticas, para incremento da literatura activada pela realidade social, cultural, étnica;

c. as orientações e as formas da dominância existencial, realista, nas escritas urbana e regionalista, nos conteúdos de personificação individual e de afirmação nacional;

d. as temáticas e a enunciação de sujeitos animados por princípios culturais, sociais, ético-ideológicos, numa estética comprometida na política e na acção e militância;

e. a representação do tempo das soberanias, da consciência como “nós-social” e como “eu-individual”, da escuta étnica, das existências urbana e cosmopolita e da diáspora;

f. as formas estilísticas, retóricas, simbólicas, figurativas, dos discursos narrativos e poéticos, a poética dos ritmos e o sensorialismo/sensualismo das escritas, em ordem ao real e ao sobre-real alimentado pelos avatares da crença.

Neste conjunto de enunciados, os dois primeiros (**a**, **b**), de incidência diacrónica, visam fundamentar e tornar inteligível os percursos mais ou menos acelerados destas modernidades, bem como favorecer a compreensão das dominantes histórico-evolutivas, suas características e principais articulações. Os outros (**c**, **d**, **e**, **f**), de demoras sincrónicas, favorecem o recorte de temas, características, funções, figurações, exemplos, assuntos, motivos, influências, contextos, linguagens, retóricas, estilos, modelos, formas e processos de escrita.

Abrindo-se por hierarquias de conteúdo, paradigmas semânticos, sistemas sígnicos, níveis conotativos, simbólicos, retóricos e diversas modalidades discursivas e elocutivas, representam mundos possíveis, mais ou menos imaginativos, idealizados ou realistas, de

comprometimentos sociais, políticos e éticos dos seus sujeitos que, por outro lado, podem também demarcar o estatuto de autor-Autor em escritas auto-referenciais. Tomados por junto, reúne-se nestes tópicos os conteúdos e as tipologias de escrita que respondem a uma síntese das questões postas pelos textos e que podem solicitar as preferências do professor e dos alunos.

2. Gestão Temporal

Considera-se um ano lectivo de 33 semanas, repartido por dois semestres.

Para efeitos de operacionalização dos conteúdos, considera-se também a distribuição horária semanal da disciplina em três tempos lectivos de 90 min cada (3 x 90 min/semana).

Atende-se assim à necessidade de se privilegiarem, para além dos tempos dedicados à leccionação dos conteúdos programáticos, os intervalos reservados à reflexão participada e à concepção e montagem de projectos de trabalho suscitados pelas abordagens de textos na aula, de maneira a que se desenvolva nos alunos uma atitude responsável, valorizadora do seu desempenho e do desempenho do outro.

Tomando por princípio orientador os factores qualitativo e quantitativo das literaturas do Programa, de dimensões históricas e implantação geográfica diferenciada, os tempos lectivos obedecem a uma distribuição ajustada a essa diversidade.

2.1. Distribuição Pedagógica

O número de aulas atribuídas a cada Literatura, como base da ocupação lectiva, impõe limites à extensão e género dos textos, limites que podem sempre ser flexibilizados por meio da diversificação das escolhas temáticas e das pistas e campos de trabalho. Assim:

a. tempos lectivos: embora seja outra a sequência de leccionação (cf. distribuição em **2.3. Literaturas, Autores, Textos**), a sua indicação (dos tempos lectivos) segue a ordem da situação espacial, para sublinhar a importância que pode revestir a demarcação de algumas afinidades e diferenças determinadas pelos paradigmas geográficos.

a.1. Literaturas Continentais:

. 8 semanas(*)	Literatura Brasileira
. 6 semanas	Literatura Angolana
. 6 semanas	Literatura Moçambicana
. 2 semanas	Literatura Guineense

a.2. Literaturas Insulares

. 6 semanas	Literatura Cabo-Verdiana
. 3 semanas	Literatura São-Tomense
. 2 semanas	Literatura Timorense

Nota(*): Considera-se mais sensível, no plano das aplicações práticas, apresentar os tempos lectivos (em todas as Literaturas), repartidos por unidades semanais (3 x 90 min/semana), nelas se incluindo também os tempos dedicados aos processos de Avaliação.

b. "corpus" essencial: em vez de se proporem elencos maximalistas de autores/obras que, sem artifícios, não caberiam nos tempos lectivos, apresentam-se antes conjuntos satisfatórios, sem prejuízo do seu alcance representativo das Literaturas;

c. "corpus" complementar: em circunstâncias ocasionais não raras, no entanto, pode-se conceber que o dinamismo, o entusiasmo e a produtividade das turmas deixem margem de tempo para um estudo mais alargado que, então, encontra no "corpus" complementar o caminho para se expandir para além do primeiro conjunto recomendado;

d. tópicos gerais (tópicos, temas, palavras-chave): a sua indicação a par das respectivas obras, contemplando as áreas historiográfica, genológica, discursiva, temática, formal, retórica, estilística, pretende apenas preencher um quadro de pistas não limitativas, seja do interesse do professor, seja do que se revele ao gosto dos alunos. Remete-se porém para "**Sugestões Metodológicas**" uma explanação de caminhos e de sugestões conducentes a desenvolvimentos muito mais completos;

e. ordem lectiva das Literaturas: obedecendo à sequência que mais abaixo se estabelece (cf. **2.3. Literaturas, Autores, Textos**), tem-se em vista ajustar o princípio da coerência pedagógica à noção de importância e valor consensual próprio e relativo delas.

2.2. Sobre o "Corpus" Literário

Como se indicou, o "corpus" bibliográfico activo só inclui textos contemporâneos, por serem os que, pelos motivos invocados, se admite oferecerem maior poder de empatia, por afinidade epocal, no binómio docente-aluno.

Entende-se que a insistência neste culto da empatia é vantajoso sob vários aspectos. Por um lado, favorece a aceitação das respectivas Literaturas e, por outro, torna atraente uma disciplina opcional que, para existir e se consolidar, tem de saber ser cativante, bem como criar a sua própria necessidade, isto é, justificar-se também pela dedicação dos professores e pela sua procura por parte dos alunos.

Por motivo de coerência científica, adopta-se a planificação e distribuição das obras, poesia e narrativa, em sequência temporal, em cada uma das Literaturas/género.

E considera-se necessário sublinhar que incumbe à Escola escolher, de acordo com o seu projecto curricular, entre as obras do "corpus" essencial (obrigatório) e entre as do "corpus" complementar (opcional), os textos de, p.ex., poesia, contos, capítulos, que devem ser chamados a figurar no "corpus" de leccionação.

2.3. Literaturas, Autores, Textos

Liter. Brasileira: 8 Semanas	
"Corpus" Essencial	Tópicos, Temas, Palavras-Chave
Carlos Drummond de Andrade, <i>Antologia Poética</i> , Lisboa, Dom Quixote, 2001	Criação; eu poético marginal, desintegrado; evasão, inconformismo e angústia existencial; tempo-prisão e vida-morte; figura do amor-salvação/Pátria-Brasil
Vinicius de Moraes, <i>Antologia Poética</i> , Lisboa, Dom Quixote, 2001	Consciência: homem-templo/criação mão-pão-tijolo e obra; silêncio e submissão; palavra/poder e ação; Deus-piedade; Pátria-exílio; Mulher-garça e aurora
Jorge Amado, <i>Os Velhos Marinheiros</i> , Mem-Martins, Europa-América, 1989	Heroísmo e anticonvenção; alcunha-marca-miséria; álcool-alegria-libertação; companheirismo popular; humor; Exaltação da liberdade: o sonho e a fantasia
João Guimarães Rosa, "O Burrinho Pedrês" in <i>Sagarana</i> , Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Dinalivro, 1984	Universo sertanejo/universo da escrita; ruralismo e ação: fazendeiro/vaqueiro, gado/arraial; fantástico, crenças; recriação da linguagem/código nordestino
"Corpus" Complementar	
Manuel Bandeira, "Libertinagem" in <i>Estrela da Vida Interior</i> , Rio de Janeiro, José Olympio, 1966	Memória/infância; morte/doença, tristeza/alegria de viver; sonho e fantasia; coloquialidade confessional; imagens poéticas do cotidiano; ritmo e verso livre
João Cabral de Melo Neto, <i>Poesia Completa</i> [1940-1980], Lisboa, IN-CM, 1986	Geografia rural; gentes e destinos; vida e injustiças; poética-plástica/palavra/imagem concreta; Morte e viagem fúnebre, ritual; pobreza, denúncia política
Clarice Lispector, <i>A Paixão Segundo G. H.</i> , Lisboa, Relógio d'Água, 2000	Linguagem no feminino; procura e consciência das perdas; escrita interrogativa da existência, do ser, do destino, de Deus; espaços e coisas, posse e carência
José Lins do Rêgo, <i>Menino de Engenho</i> , Lisboa, Livros do Brasil, s.d.	Descoberta do universo familiar; infância-engenho; alumbramento-ritual da refeição; ruralismo tropical; iniciação: escola/vida/religião; festejos; mulher-mãe
Cecília Meireles, <i>Romanceiro da Inconfidência</i> , Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981	Modernidade/tradição; resgate de heróis/amor pátrio e devoção/morte; narrativa-canto redentor de nomes e de feitos; poética/ritmo da palavra expurgada

Liter. Cabo-Verdiana: 6 Semanas	
"Corpus" Essencial	Tópicos, Temas, Palavras-Chave
Jorge Barbosa, <i>Jorge Barbosa, poesias I</i> , Praia, ICL, 1989	Espaços reais/humanos: arquipélago, ambiente, ilha e eu-ilhéu/paisagem/seres/vida; eu-aqui-insular/tu-algures -mundo-evasão; ética, poética da consciência
Baltasar Lopes, <i>Chiquinho</i> , Linda-a-Velha, Editora África, 1984	<i>Ethos</i> crioulo; imaginário terra/mar insular/oceano; percursos iniciáticos entre o sensual, o intelectual e o viril; referencialidade e simbolismos humanos
Germano Almeida, <i>O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo</i> , Lisboa, Caminho, 1991	Figuração da cidade; vida mindelense; socialização do ser/parecer; ficção realista; escrita humorística; a narrativa de uma vida/crónica de um tempo havido
"Corpus" Complementar	
Gabriel Mariano, <i>Ladeira Grande</i> , Lisboa, Vega, 1993	Trilogia: ilha/seca/fome; dialécticas da vida/morte, passividade/revolta; viver a terra-mãe/sofrer o exílio, as consciências simbólicas: Ambrósio e Cabafume
Arménio Vieira, <i>Poesias</i> , Gráfica do Mindelo, s.d.	Poética e olhar transfigurador; (ir)realidade do real; o ínfimo, o pormenor, o facto, o ser/a magnificação, conotação e fantasia; intertextualidade, ironia, ritmo
António Aurélio Gonçalves, <i>Noite de Vento</i> , Lisboa, Caminho, 1998	Geografia diurna/nocturna da cidade; sítios urbanos e seus casos humanos; tipos objectivos/subjectivos de personagens femininas/masculinas; a ilha/o mundo
Manuel Lopes, <i>Os Flagelados do Vento Leste</i> , Lisboa, Edições 70, 1985	Imagem da vida rural: pobreza, honradez, esperança e destino; chuva-milho/vento-morte; a montanha e a geografia da fome; o retrato de uma família unida
Orlanda Amarílis, <i>Ilhéu dos Pássaros</i> , Plátano Editora, 1982	O cabo-verdiano em diáspora; as ilhas e o mundo; a necessidade e desejo/partir e regressar; o real vivido e o onírico; escrita no feminino/seus protagonismos

Liter. Angolana: 6 Semanas	
"Corpus" Essencial	Tópicos, Temas, Palavras-Chave
Alda Lara, <i>Poemas</i> , Porto, Vertente, 1984	Tempo ansioso, lugares de afecto, enfeitiçamento e amor pátrio, solidariedade, fraternidade, esperança, generosidade, evangelismo, inconformismo, destino de mulher, revolta e idealidade, desejo, terra-África
Luandino Vieira, <i>Luuanda</i> , Lisboa, Edições 70, s.d.	O musseque/a mistura cultural; personagens e tipos humanos; o conflito banal e a lição fabular: "o seu a seu dono/pede e receberás"; a repressão colonial
Pepetela, <i>A Montanha da Água Lilás</i> , Lisboa, Dom Quixote, 2000	Discurso/figura/conotação: alegoria; povo africano, Angola; tradições orais/actualidade escrita: o papel social/cultural do poeta, esperanças e desencantos
"Corpus" Complementar	
Agostinho Neto, <i>Sagrada Esperança</i> , Lisboa, Sá da Costa, 1974	Empenho-esperança; mundo/sanzala, branco/preto; condição escrava: contrato; fome, vergonha e medo; poesia e ritmo, sons/cores/danças/corpos glorificados
Paula Tavares, <i>O Lago da Lua</i> , Lisboa, Caminho, 1999	A Mulher/amor partilhado/canto da terra; os ritmos antigos da sabedoria; o barro, o fogo, o corpo/vida sangue, dádiva; escuta de falas-símbolos oraculares
Rui Duarte de Carvalho, <i>A decisão da idade</i> , Lisboa, Sá da Costa, 1977	Alquimia das palavras-coisas; o mapa/a viagem/ o sul-terra da oferenda; escrita-ritual/evocação; tempo e espaço/deserto-águas fecundas/geografia-mulher
Manuel Rui, <i>Um Morto & os Vivos</i> , Lisboa, Cotovia, 1993	Retrato do menino hábil, na Escola/na vida; dever de hospitalidade; óbito de rituais urbano/tradicional; a escrita do encanto, do humor, da ironia, da crítica
José Eduardo Agualusa, <i>D. Nicolau Água-Rosada e outras estórias verdadeiras e inverosímeis</i> , Lisboa, Vega, 1990	Reescrita da História; a (con) fusão ciência/magia; a verdade narrativa/o verídico factual/o (in)verosímil do género; os casos estranhos de verdade africana

Liter. Moçambicana: 6 Semanas	
"Corpus" Essencial	Tópicos, Temas, Palavras-Chave
José Craveirinha, <i>Obra Poética</i> , Lisboa, Caminho, 1999	Colonialismo/nacionalismo/cultura indígena; ritmo e expressão criativa/linguagem da veemência; amor sensual; esperança, canto do negro/denúncia política
Eduardo White, <i>Janela para Oriente</i> , Lisboa, Caminho, 1999	Fronteira entre prosa poética/poesia em prosa; ritmo e movimento/recorrência/mutação/transposição; lógica e analogias da escrita/fala, de palavras/ideias
Mia Couto, <i>Mar me Quer</i> , Lisboa, Caminho, 2000	Recriação/transfiguração/conotação do real; verdade sobrenatural, empatia-afecto; seres populares/casos humanos; crónica da vida, guerra, caos, amor, ordem
"Corpus" Complementar	
Rui Nogar, <i>Silêncio Escancarado</i> , Lisboa, Edições 70, 1982	Herança colonial-humilhação-recusa. Silêncio, dor e amor; Despertar da esperança; prisão e liberdade, a dor e o canto: a terra; união povo/poeta/guerrilheiro
Rui Knopfli, <i>Memória Consentida</i> , Lisboa, IN-CM, s.d.	Intimismo, procura de identidade, amor-melancolia; erotismos afectos; simbologias: homens e natureza; meditação do lugar Consciência da escrita estética
Luís Carlos Patraquim, <i>Vinte e tal Novas Formulações e uma Elegia Carnívora</i> , Linda-a-Velha, ALAC, 1991	Poética da palavra concisa/ discursiva/ a evocação/ a descrição de "eu": mundo de afectos, sensualismo, sensações, sentidos do real, do onírico, do simbólico
Luís Bernardo Honwana, <i>Nós Matámos o Cão Tinhoso</i> , 3ª ed., Porto, Afrontamento, 1988	Escrita adulta de falas/mundos infantis; os restos da fábula/cães que pensam; espaços iniciáticos urbanos e personagens-tipo; formas de consciência política
Ungulani Ba Ka Khosa, <i>Ualalapi</i> , Lisboa, Caminho, 1991	Reescrita da História; a verdade da ficção/os limites do sobrenatural africano: realidade-real sob a lógica do onírico, da crença no incrível, estranho, insólito

Liter. São-Tomense: 3 Semanas	
"Corpus" Essencial	Tópicos, Temas, Palavras-Chave
Francisco José Tenreiro, <i>Coração em África</i> , Linda-a-Velha, Editor África, 1982	Mestiço, identidade/diferença: ambivalência crioula eu-branco/eu-negro; humor e ironia complacente; consciência ideológica, luta, orgulho de Mãe-África
Lit. Oral/Anón. <i>Contos tradicionais santomenses</i> , S. Tomé, Dir. Nac. da Cultura de S. Tomé/Caminho, 1984	Força do gigante/perspicácia; mulher/marido/ciúme e inveja; lealdade e falsidade de amigos; espaços de alegria e respeito; simbolismos; o galo-liberdade, a tartaruga-esperteza, homem-traição/cão-fidelidade
"Corpus" Complementar	
Alda do Espírito Santo, <i>Bendexa</i> , Lisboa, Caminho, 2000	Olhar de enleio no mundo-ilha; evocações: escola e meninos, mar, praia, pântano, lodo, luares, feitiços, sonho, poema-vozes universais, liberdade; denúncia

Liter. Guineense: 2 Semanas	
"Corpus" Essencial	Tópicos, Temas, Palavras-Chave
Helder Proença, <i>Não posso adiar a palavra</i> , Lisboa, Sá da Costa, 1982	Poesia-pátria-flor, chuva-esperança, mulher sensual, voz e canto/colectivo e luta, exortação-incitamento, horizonte- vitória, solidariedade, amor, vida, pátria
Lit. Oral, Tadeu, Viriato Augusto, <i>Contos do Caramô, Lendas e Fábulas Mandingas da Guiné</i> , Lisboa, A.G.C., 1945	Situação inicial eufórica/o facto estranho da gazela/a decisão, a errância, o contrato, a palavra-acção de herói fundador/a palavra profética do pai. Tempo de paz/ guerra, vitória e morte; muçulmanos/cristãos
"Corpus" Complementar	
José Carlos Schwartz in AAVV, <i>Antologia Poética de Guiné-Bissau</i> , Lisboa, Inquérito, 1990	Poesia-retrato da sensibilidade; intervenção, apelo e consciência cultural/cívica; exaltação da sociedade e amor revolucionário; sentimento heróico da pátria

Liter. Timorense: 2 Semanas	
"Corpus" Essencial	Tópicos, Temas, Palavras-Chave
Xanana Gusmão, <i>Mar Meu</i> , Porto, Granito, 2000	Guerra e perda/recuperação; pátria e destino, ânsia e tempo de espera; contradição: ansiedade e crença, mar-céu-liberdade, futuro e redenção, razão, justiça
Lit. Oral/ Anón., "O crocodilo que se fez Timor" e "Hahuk" in Artur Marcos, <i>Timor Timorense</i> , Lisboa, Colibri, 1995	Conto e mito fundador; o espaço-pântano, agentes e figurantes: o crocodilo ancestral, a criança-pureza, a solidariedade, sonho e promessa, aventura da vida
"Corpus" Complementar	
Luís Cardoso, <i>Crónica de uma travessia</i> , Lisboa, Dom Quixote, 1997	Cultura-valores tradicionais/modernos; desencontro e surpresa/inquietação; realidade, duração, e tempos de mudança/valores; comunidade étnica e sociedade

3. Sugestões Metodológicas

Como sugere o fundo pedagógico do Programa, a sua organização respeita a lógica do desenvolvimento progressivo, onde cada tópico pressupõe, por um lado, a consideração de todos os que foram tratados antes e, por outro, uma antevisão do que se dirá depois. Considera-se, por isso, que no capítulo “**2.3. Literaturas, Autores, Textos**” termina de facto a unidade respeitante aos conteúdos programáticos, ficando o ponto “**7. Avaliação**” reservado para a verificação da produtividade da sua leccionação.

Têm agora estas “**Sugestões Metodológicas**” o objectivo de aprofundar e dar continuidade às indicações incluídas em “**4. Sugestões Metodológicas Gerais**” da “**1ª Parte. Apresentação do Programa**” e disseminadas por alguns dos capítulos de “**3ª Parte. Desenvolvimento do Programa**”.

Pretende-se que constituam, sob este ponto de vista, um complemento pedagógico das funções do docente, como auxiliar na selecção de tópicos, no aprofundamento de pistas, na utilização de instrumentos e meios adequados a toda a tipologia de textos, enfim, que ponha em destaque e em ordem pedagógica diversos conjuntos de informações e de sugestões práticas interessantes como base de trabalho válida para os professores.

3.1. Das Literaturas em Geral

Uma das primeiras questões com que se debatem os estudos literários, e que não pode ser elidida na pedagogia escolar, consiste na interrogação da Literatura quanto à sua definição. As concepções fenomenológicas são claras a esse respeito, ao reconhecerem ser empiricamente fácil designar uma obra literária, para logo confessarem a dificuldade da sua definição teórica em termos satisfatórios. Duas características podem, porém, aplicar-se-lhe, por consideração dos seus atributos de valor estético:

a. diz-se serem dotadas de "finalidade sem fim" e de "intencionalidade sem intenção", por se aceitar que não são objectos de função instrumental utilizável de modo directo, reconhecendo-se porém que agem por transformação mediata dos seus destinatários;

b. por serem veiculados por discursos verbalizados, os seus conteúdos desencadeiam, por norma, associações interpretativas perturbadoras. Em radical contraste com outras formas de arte também discursivas (pintura, música, etc.), a linguagem da Literatura é já,

previamente, uma linguagem significativa e, por demais, essencial na comunicação entre os humanos. Ora, se a posse comum do discurso verbal por todos os falantes favorece a familiaridade com o texto literário, essa vivência tende a desvalorizar a codificação de nível secundário que torna o discurso literário um “outro” diferente do discurso comum.

Colocados assim sumariamente os dados, será oportuno tocar no problema da definição ontológica da Literatura, no seu "ser" diáfano disfarçado sob um "aparecer" manifesto. Na prática, assume-se que a indagação deste “aparecer” coincide com o próprio acto de descrever o texto, de falar dele, de lhe ceder uma voz para ele se dizer ou de dar sentido à sua condição de prática significativa. Caminhos de indagação a que o “ser” se furta, são maneiras complementares de uma pedagogia que realça o valor constitutivo do objecto literário, que o frequenta numa relação respeitável, todavia incapaz de o definir.

3.2. Do Texto Literário

Manifestamente, ao contrário do texto documental que se encontra vinculado, por obediência, a um conteúdo referencial exterior, e sempre dependente da confirmação, ou infirmação, do testemunho empírico, o texto literário goza de independência total em relação à realidade. O seu conteúdo não se cinge, pois, ao critério da prova testemunhal, ser “verdadeiro” ou ser “falso”. O texto literário "é" simplesmente, de acordo com as regras do seu género, determinantes dos protocolos e da epistemologia de leitura.

Daí que seja útil encarar os géneros literários tendo em conta a convergência de alguns dos aspectos da sua apreensão sensível:

- a.** a forma de expressão dos textos é visível na tipografia da página, quanto às diversas composições, versificadas (poesia), dialogal (teatro) e prosificada (narrativa);
- b.** as substâncias dos conteúdos que, de modo simples, se identificam com o nível semântico-existencial dos complexos temáticos ocupam lugares de extremo contraste entre as narrativas do maravilhoso e as do realismo de vocação sociológica documental;
- c.** um único atributo, o estatuto de ficção, garante a mesma qualidade literária destes dois sub-géneros que, porém, se diferenciam pela maneira como as respectivas regras (de género) caracterizam o estatuto das suas verdades-verosimilhança;

d. na narrativa realista, de moldura sociológica da experiência comum, predomina largamente a verdade-verosimilhança reconhecida pela *doxa* (pelo senso comum), quase identificada, se não confundida, com a verdade-verídica dos factos da vida concreta;

e. na narrativa do género maravilhoso, a verdade-verosimilhança situa-se no extremo mais oposto ao da realidade empírica, no lugar onde o discurso da oralidade tradicional ensinou a situar a fantasia, e onde tudo é plausível;

f. para além da sua importância para o estudo dos textos (conforme as suas leis de género), estas são questões que, pelo interesse que revestem na pedagogia dos critérios de conhecimento, merecem toda a atenção, como se sabe, da prática docente;

g. no que toca à selecção e distribuição dos textos, a tipologia de conteúdos escolhidos pode ser pensada segundo o critério normativo do interesse, adequando-os ao escalão etário dos alunos. Relevante é também o culto da relação do aluno com um texto próprio de escalão etário inferior para o incitar ao jogo de pura fantasia (a descredibilização da função doadora do Pai Natal com a evolução etária/racionalista na idade juvenil não impede que, ao mesmo tempo, ou mais tarde, se entre no jogo da crença nele);

h. a verdade literária não opõe a "verdade dos factos realistas" e a "falsidade dos factos maravilhosos". Como se viu, em cada caso domina a verdade das regras do género e do critério epistémico. A crença prevalece nos mundos do maravilhoso, por completo aberta na idade infantil, ao passo que a razão se desenvolve com a experiência etária até impor apenas a credibilização das realidades tangíveis (em idade infantil os mundos empírico e maravilhoso são injuntivos, vividos como crença; na adulta, a disjunção desses mundos submete o empirismo dos factos ao imperativo racional, enquanto a fantasia maravilhosa se desloca para o plano do faz de conta das vivências de jogo teatral);

i. um aspecto essencial das literaturas do continente africano consiste nesta abertura dos limites dos mundos concebidos e representados, por exigência heurística do poderoso fundo das culturas tradicionais que não opõem nem separam, por qualquer solução de continuidade, os universos empíricos e sobrenaturais. A este respeito, tenha-se em devida conta a força da crença receosa nas práticas ditas de feitiçaria.

3.3. Das Metodologias em Geral

Desde há décadas que o ensino da Literatura se afastou da explicação da obra pelo autor, e vice-versa, para tender, por distintas razões, para a valorização dos aspectos pragmáticos do texto. O ganho evidencia-se pelo interesse dedicado ao destinatário e, assim, ao espaço público centrado no leitor, considerado um poderoso agente activo na vitalização semântica das obras.

Mas, como se compreende pelas questões desenvolvidas nos tópicos anteriores, a valorização exclusivamente pragmática, predominante na pedagogia escolar que se diz centrada na fenomenologia da recepção pelos alunos, perde o essencial da realidade do texto. No mínimo, dissolvem-se as questões da "gramática" de sustentação do texto, da semântica dos mundos que aí se instituem e das linguagens que nele operam, arrastando nesse desperdício do em-si textual a desvalorização do papel do professor e do saber que lhe incumbe dinamizar.

Factualmente, insiste-se, a aula é um espaço de comunicação destinado à produção de conhecimentos, e de participação comum em torno do objecto literário:

a. a docência só é verdadeiramente pedagógica se encenar um “processo de relação” que, como se referiu, em lugar de simples binário pragmático, “texto/aluno”, mobilize os factores do eixo comunicativo implicados na tríade “professor/texto literário/aluno”;

b. na medida em que a vocação do texto consiste em dar corpo e sentido aos mundos que representa, e que esses mundos se definem também pelo seu interesse humano, deve a Literatura ser tomada como uma abertura às sensibilidades (do professor e dos alunos) que se exercitam em torno do texto. O ensino/aprendizagem torna-se, nesta perspectiva, um motivador da capacidade de fantasiar, da argúcia para o entendimento das coisas da vida, da formação do gosto e do espírito judicativo, da compreensão do outro, do diverso, e de todos os melhores relacionamentos sociais;

c. aceitando a verdade aristotélica da *mimesis*, ainda mais se reforça a importância da pedagogia como processo-relação triádica e, assim, a responsabilidade do professor como tal e exemplo de adulto. Pela sua situação na aula, o professor desempenha uma função teatral que não pode fugir à condição de exemplo, na conformidade da sua linguagem à linguagem do texto, no ajuste das leituras-análises às condições que ele postula, e no entusiasmo com que deve revestir a frequência do texto, da sua habitação, do seu estudo;

d. considerado o estatuto estético do objecto literário, as atitudes do professor devem ser pedagogicamente mobilizadoras e didacticamente interessantes, para que suscitem no aluno atitudes equivalentes. Isto implica que a relação ensino/aprendizagem se conceba também como jogo aprazível e desenvolvimento pessoal, quer de consciências lúcidas, quer de conhecimentos formativos;

e. e porque de relação se trata, de igual modo importante é a atitude do aluno que entra no jogo cultural do texto, para que aprenda a tomá-lo como centro de interesse e como desafio à intuição das suas leituras em progressivo aperfeiçoamento;

f. dada a complexidade geral dos textos, deve o professor apresentá-los tendo em conta o facto de a Literatura ser "uma prática mais ou menos impura". No plano semântico, reenvia para a configuração de um supra-real de limites vagos e para valores estéticos que o transcendem. Se em si mesmo predomina a discursividade marcada pela ambiguidade de codificações, primária e secundária, no plano da sua exteriorização, a mensagem última que uma obra dá a ler é sempre humana, formativa, ética;

g. a dinamização da aula deve pois obedecer a tácticas que tornem a atenção dos alunos cativa dos aspectos mais apelativos do texto, de percepção evidente, assim se abrindo os múltiplos caminhos de acesso à vivência do livro e da leitura. Num primeiro contacto parece ser interessante a leitura ingénua-lúdica. Por obedecer ao improvisado, deixa o aluno livre para uma relação espontânea, de empatia e projecção, e de pura opinião, favorável à prática da expressão oral;

h. aceite a hipótese da diversa orientação das leituras ("ingénua-lúdica, compreensiva, interpretativa, comentativa, dissertativa, analítica, judicativa de gosto-qualidade"), cada uma com a sua função própria, será ainda atributo da função docente sugerir e orientar o aluno no exercício daquela (leitura) que se revelar mais adequada às circunstâncias da aula e às solicitações do texto;

i. com o sentido de função básica, a leitura compreensiva situa-se ao nível da primeira codificação do discurso, próxima da ordem verbal da língua, por isso afim da paráfrase. Sem acrescentar nada de novo ao texto, a paráfrase é todavia um exercício útil para desenvolver a capacidade de entendimento dos sentidos que se movimentam no texto.

3.4. Da Aprendizagem das Leituras

Tomando por via de entrada no texto aquelas leituras, e várias outras, escritas e orais, a sua utilização pode seguir uma ordem de progressiva complexidade. Em conjunto, devem orientar-se para a afirmação dos conhecimentos em fase de aquisição, bem como do adestramento de "saber-fazer" e "como ler". Na prática, os trabalhos devem harmonizar-se com a empatia dos alunos, por um lado, valorizando-os subjectivamente e, por outro, adequando-os à sua formação fruitiva e intelectual, com a operacionalização que melhor se ajuste à especificidade dos textos, tendo em vista, p.ex.:

a. a interpretação que guarda ainda a fidelidade à palavra do texto, com a finalidade de o explicar por mediação metalinguística;

b. o comentário que é já um exercício mais autónomo. Em oposição aos momentos de compreensão e interpretação, ambas fiéis reproduzoras da palavra textual, o comentário solicita uma reacção pessoal, em forma de opiniões, apreciações, generalizações e ideias do leitor destinatário sobre o texto;

c. a dissertação entendida como forma de conhecimento participativo, como expressão livre de reflexão pessoal. Não ficando presa ao conteúdo literário, ela permite a abertura ao exercício da pura subjectividade do aluno-leitor que, assim, pode tomar o conteúdo do texto por pretexto para um jogo de ilações generalizantes;

d. a análise que exprime a atitude heurística oposta à dissertação dirige-se ao próprio corpo do texto para descrever a sua "anatomia", a sua organização como sistema em equilíbrio (ou não). Se se admitir a legitimidade da metáfora anatómica, pode-se dizer que a análise encara o texto pelo ângulo da sua gramática e das áreas complementares, convocando para as teorias e apetrechos metodológicos que melhor respeitem a realidade e a "vontade" do texto (o desrespeito pela vontade do texto leva à dissertação, não à análise). Ressaltam desta posição do problema algumas exigências fundamentais, como sejam, **i)**- o princípio do método; **ii)**- o domínio conceptual e nocional adequado à especificidade do texto; **iii)**- a orientação e o nível de intervenção da análise tendo em atenção as linhas de força e de significação do texto; **iv)**- a circularidade do movimento, da análise que caminha do todo para as partes e, inversamente, para a síntese global (que tanto pode terminar por uma leitura unificadora, como pode deixar simplesmente aberto o campo dos sentidos se for essa a lógica do método ou da proposta do texto).

3.5. Dos Caminhos da Leitura Analítica

Tira-se da experiência comum, das sugestões dos manuais e dos desenvolvimentos anteriores, que os textos, enquanto unidades que se auto-sustentam, constituem sistemas internamente estruturados por uma "gramática" que se deixa descrever por distintos métodos. Um deles é, p.ex., o relacionamento integrativo de níveis de significação, desde as unidades inferiores ao lexema, passando pelo léxico, pela frase, até atingir as unidades maiores de expressão e de conteúdo onde a semântica pode entrar em plenitude:

a. no domínio da poesia merecem atenção os procedimentos orientados para, p.ex.:

a.1. efeitos fónicos no interior da palavra;

a.2. sentidos conceptuais ou referenciais do léxico;

a.3. significações conotativas ou retóricas;

a.4. campos semânticos polarizados por palavras-chave;

a.5. movimentos lógico-semânticos intra-estróficos determinados pelo verbo da frase;

a.6. nexos formais e semânticos de sustentação inter-estrófica;

a.7. eixos semânticos estilísticos, sígnicos e simbólicos, isotopias aglutinadoras da mensagem poética;

a.8. efeitos de ritmo engendrado pelo verso livre na estrofe, no metro, na mancha geográfica do texto na página, e na força elocutiva, conceptual e referencial do léxico;

a.9. sentidos da mensagem, entre o "eu-individual" e a ética do comprometimento ideológico e político, e funções de consciencialização, acusação, denúncia, incitamento nacionalista, celebração do empenhamento militante;

b. na narrativa em geral a análise pode incidir sobre níveis privilegiados, tais como:

b.1. elementos funcionais de valoração predominante, informações objectivas, dados indiciadores, expansões descritivas, elementos nucleares aceleradores da história;

b.2. fragmentos lógico-diegéticos como unidades definidoras de sequências narrativas, ligadas em progressão crescente;

b.3. complexificação diegética de efeito lógico-temporal segundo as clássicas formas em "encadeamento", "alternância", "encaixe";

b.4. configuração progressiva das personagens segundo os atributos semânticos que as qualificam como "ser", as funções que as implicam como agentes (sujeitos, auxiliares, objectos, circunstâncias) de um "fazer" qualquer e os eixos que as ligam umas às outras;

b.5. categorização das coordenadas de espaço e de tempo, de acordo com as suas funções na narrativa: **i)**- espaços e tempos objectivos e subjectivos; **ii)**- espaços tópicos, utópicos, atópicos, circunstanciais (urbanos, rurais, marítimos, fluviais, aéreos, estelares, subterrâneos); **iii)**- tempo (deformado/deformador) da história, tempo do discurso, tempo histórico, tempo aspectual, tempo semiológico (ritmo da história), tempo existencial das personagens; tempo ucrónico (ideal),acrónico (mito);

b.6. vigência de modalização narrativa: **i)**- informações por focalização; **ii)**- resumo, cena, pausa descritiva, eclipse de dados; **iii)**- narração de factos e de falas, indirectas, directas, indirectas livres, instantâneas;

b.7. emprego de formas discursivas da enunciação e tipologias de texto na 3ª pessoa pronominal (narrativa comum), na 1ª pessoa (narrativa autobiográfica) e na 2ª pessoa (rara, narrativa pedagógica);

b.8. descrição de dominantes da enunciação narrativa em registos distintos, o lógico (causalidade e cronologia) e o analógico (afinidade-metáfora, contiguidade-metonímia, integração-sinédoque, contraste; típico do registo da fala e das literaturas orais);

b.9. sistematização da enunciação pessoal do narrador, quanto a intervenções sobre o narrado e suas funções: apartes, generalizações, manipulações, divagações, comentários, opiniões, juízos, apreciações;

b.10. dominâncias sígnico-referenciais, estilísticas, retóricas, simbólicas, mitificantes, e suas significações; a empatia do humor, zombaria, chiste, ironia, paródia, enlevo, afecto, identificação, dialogismo;

b.11. caracterização dos mundos representados pela narrativa, linhas privilegiadas de sentido, temáticas e valores realçados, em universos de dominância pessoal ou social;

b.12. categorização genológica do texto e seu relacionamento de evocação e citação (intertextualidade) com outros textos anteriores ou sincrónicos, orais ou escritos;

b.13. valoração estética dos textos como práticas de escrita inovadora ou repetitiva;

c. não sendo a análise um fim em si, jogar sobre a circularidade do movimento que integra as partes no todo do texto. Na busca de sentidos de síntese da leitura reside, no essencial, o exercício onde se completa em plenitude a habituação criada do acto de ler:

c.1. extrair dos sentidos elaborados as informações respeitantes aos conteúdos textuais, por norma destinados à ampliação dos conhecimentos dos alunos, recompondo a sua bagagem de saber útil em sentido predominantemente objectivo;

c.2. enriquecer a participação literária deles com o sentimento de satisfação no acto de ler e com o prazer iniciático da injunção entre o útil e o gracioso;

c.3. valorizar a categoria aristotélica da *mimesis* nas representações textuais tendo em conta o seu interesse para o auto-conhecimento, para a compreensão da vida, para o adestramento útil à participação activa que qualquer aluno será induzido a cumprir mais tarde, em especial no espaço cívico e no exercício da cidadania, onde se jogam por inteiro as funções de compreensão lúcida e crítica, lúdica e produtiva.

3.6 Do Conhecimento das Literaturas de Língua Portuguesa

Em termos gerais, estas Literaturas devem ser encaradas, como quaisquer outras, no contexto do sistema comum, mas vistas na sua especificidade, para o efeito podendo ser considerada a utensilagem antes exposta, bem como alguns dos seguintes tópicos:

a. detecção de aspectos que enformam a personalidade de cada uma das Literaturas tendo como ponto de mira a poesia, o conto, a narrativa-romance;

b. rastreio de dados de informação historiográfica, autorial e circunstancial, apenas quando na proporção e nos momentos em que cooperem na composição da moldura de enquadramento, de referência e de enraizamento geral;

c. considerada a língua portuguesa comum, levantamento de elementos morfológicos, lexicais e sintácticos que explicitem o estilo da linguagem dos textos e da escrita dos autores que, por vezes, justifica a existência de glossários particulares;

d. partindo de informações externas, situar o texto no seu contexto epocal, orientando-o para uma análise de despiste de tópicos de entrada progressiva:

d.1. apreensão de elementos de maior evidência, tais como formas tipográficas de escrita (na poesia de verso livre ou no conto), composição morfológica e frásica de termos lexicais novos;

d.2. reconhecimento de efeitos expressivos motivadores dos sentidos de relação com o mundo emocional e sensorial (olhar, ouvido, tacto, paladar, olfacto);

e. caracterizar os aspectos mais salientes dos conteúdos e das temáticas, de descrições e de outros elementos que suscitem a atitude de surpresa;

f. descrever na narrativa breve ou longa, a organização das histórias e, ao mesmo tempo, a forma lógica que preside à urdidura das suas linhas de acção, estudando:

f.1. a arquitectura do espaço e do tempo (tempos objectivos de elementos da história, tempos subjectivos das vivências humanas; tempos escandidos pelo relógio, calendário, cosmogónicos, cíclicos; espaços urbanos, rurais, sociais, cosmopolitas, tradicionais, comunitários, religiosos, étnicos, simbólicos);

f.2. a tipologia das personagens, as suas relações (actividades, funções) e estatutos (saber, autoridade, sabedoria, poder, riqueza, idade);

g. caracterizar a estrutura de pessoa na circulação de mensagem, entre o centramento no "eu-individual" e na ética participativa de "eu-nós" inclusivo, por comprometimento ideológico-político, e suas consequentes funções de consciencialização, celebração do militante e do lutador, acusação, denúncia, incitamento nacionalista;

h. especificar a natureza referencial ou conceptual da linguagem em acção no texto, retórica, figurativa, conotativa, recriada;

i. confrontar o versilibrismo da poesia com a produção de efeitos, maiores ou menores, de ritmos sugestivos;

j. tipificar as concepções gnoseológicas da realidade que, não raro, transcende muito largamente os limites estreitos da racionalidade comum, entrando plenamente no mundo das realidades sobrenaturais, onde a ordem da crença é uma chave indispensável;

k. detectar os elementos de valorização estética do corpo e dos sentidos na sua relação com o mundo das realidades empíricas e, por vezes, também sobrenaturais;

l. estudar os entretecidos do registo da oralidade no da escrita com a acentuação do regime lógico associacionista da linguagem em formas de discursividade "a-propósito" por analogia, contraste, contiguidade;

m. projectar os dados postos em relevo na análise para a ordem do género e situar a obra no seu contexto epocal. Por recurso a conhecimentos já produzidos, tornar explícitos os sentidos criativos dos universos representados, as realidades que eles refractam, as problemáticas e os compromissos com a realidade;

n. ainda por referência ao estudo realizado, e por cotejo com outros conhecimentos de literatura, determinar afinidades, diferenças e demais atributos que incidam sobre elos de convergência e de particularidades várias, p.ex., culturais, literárias, éticas, ideológicas, sociais, simbólicas entre estas Literaturas e a portuguesa.

3.7. Operacionalização

Para o eficaz relacionamento teórico-prático e de trabalho sugerem-se os seguintes suportes, meios e tarefas:

- a.** Audiovisuais: **i)**- visionamento de filmes e documentários; **ii)**- audição de registos vários, poéticos, narrativos, dramáticos;
- b.** Escritos: **i)**- leitura crítica de textos de carácter informativo; **ii)**- leitura silenciosa; **iii)**- leitura expressiva;
- c.** Participação oral em actividades: **i)**- debate; **ii)**- fórum de discussão; **iii)**- simulações;
- d.** Participação escrita: **i)**- questionários; **ii)**- fichas de leitura; **iii)**- esquematização de textos; **iv)**- resumos; **v)**- dissertação; **vi)**- relatório; **vii)**- guiões;
- e.** Portefólio monográfico ou miscelânea: **i)**- de temática; **ii)**- de autor; **iii)**- de género; **iv)**- de notícia; **v)**- de crítica.

Outros elementos poderão ser postos em prática, dependendo da iniciativa do professor e dos alunos, individualmente ou em grupo, uns de formação passiva, outros activa, todos orientados pelas finalidades e objectivos da Disciplina, destinados à eficaz consolidação de competências, ao adestramento de performances e às respectivas avaliações.

3.7.1. Sobre os Meios Audiovisuais

Para além das empresas distribuidoras de filmes, de grupos de teatro e de clubes de vídeo, sugerem-se como fontes de recursos, quer de vídeo-filmes sobre reportagens de carácter cultural (questões etno-antropológicas, tradições, rituais, danças, músicas, jogos, actividades diversas), quer de registos de entrevistas a autores, assim como de declamação de poesia e de leituras de excertos de algumas obras indicadas no Programa, as seguintes Instituições:

1. Serviços culturais da Embaixada do Brasil e das dos outros países lusófonos;
3. Arquivos e Documentação da RTP, SIC, RTI;
6. Arquivos da RDP, RR, TSF;
7. Bibliotecas (Nacional de Lisboa, Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa, Torre do Tombo, Sociedade de Geografia de Lisboa).

4.^a Parte. BIBLIOGRAFIA

1. Ciências da Educação/Didáctica

- AA.VV. (1989). *Congresso sobre a Investigação e Ensino do Português*. Lisboa: ICALP.
(Cerca de cento e trinta artigos de reflexão e experiência de professores de todos os níveis de ensino, em Portugal e no Estrangeiro. Questões de incidência teórica e prática ainda sugestivas).
- Beltrão, L. & Nascimento, H. (2000). *O desafio da cidadania na escola*. Lisboa: Presença.
(Sobre a educação para o século XXI. Abordagem dos conceitos de educação para a cidadania, cívica, para valores, carácter, construção da identidade psicossocial, dentro do actual contexto educativo).
- Bredella, L. (1989). *Introdução à Didáctica da Literatura*. Lisboa: Dom Quixote.
(Conceito de compreensão e fundamento da Didáctica da Literatura, em sentido global, “instrumento de uma higienização social”. Problemas fundamentais, v.g. “desenvolvimento do espírito crítico”, “contributo para a praxis do sucesso”, “conformação e satisfação”, “educação emancipadora”).
- Ceia, C. (1999). *A Literatura ensina-se?*. Lisboa: Colibri.
(O ensino oficial da Literatura relacionado com a Teoria da Literatura. Problemáticas relacionadas com as temáticas, com a questão do anonimato do texto, da ideologia e da textualidade).
- Coelho, J. P. (1976). Como ensinar literatura. In J. P. Coelho (Ed.), *Ao Contrário de Penélope*. Venda Nova: Bertrand.
(Sobre o sentido integral do ensino da Literatura, e relação leitor-texto implicada na formação do gosto, do carácter, da personalidade, das atitudes estética, de orientação cultural, e ética, no relacionamento com a vida).
- Cortês, L. (2000). *Ser professor: um ofício em risco de extinção?*. Porto: Afrontamento.
(A necessidade de conscientizar os professores para a sua função interventiva e formadora face à diferença, analisando a função e o significado da sua actuação nesse contexto).
- Delors, J. (1996). *Educação - Um tesouro a descobrir*. Porto: ASA.
(Trabalho da Comissão da Educação para o século XXI da UNESCO, sobre perspectivas da educação do futuro, com a análise do final do século XX, “período tipicamente de transição cultural e civilizacional”. Identificam-se tensões do futuro e o papel da educação no estabelecimento do Projecto Pessoal de Vida dos indivíduos. Quatro pilares da educação do futuro, com recomendações sobre problemáticas associadas ao desafio da educação).
- Ferraz, M. L. A. (1989). In AA.VV., *Congresso sobre a Investigação e Ensino do Português, Actas*. Lisboa: ICALP.
(Definição de literatura como “o assumir [...] da condição [eminentemente equívoca] da linguagem [literária]; do fascínio e da dificuldade [...] de a linguagem falar de si própria”. Sintetiza dessa equivocidade: “o risco e o desafio de ensinar literatura será [...] o de sermos capazes de pôr a vida fora da literatura, sabendo que a literatura vive da vida”).
- Fonseca, A. M. (2000). *Educar para a cidadania*. Porto: Porto Editora.
(Em três secções se fala das motivações promotoras da educação para a cidadania; série de princípios que devem sustentar essa acção educativa; proposta de conteúdos e metodologias para a sua prática).
- Machado, F. A. (1996). *Avaliação em tempo de mudança*. Porto: ASA.
(Reflexão sobre a problemática da avaliação no sistema educativo português, analisando a legislação e esclarecendo alguns princípios subjacentes ao conceito de Avaliação e à sua prática).
- Matos, M. V. L. (1999). As funções da Literatura. In M. I. Rocheta & M. B. Neves (Eds.), *Ensino da Literatura, Reflexões e Propostas a Contracorrente*. Lisboa: Cosmos.
(A questão «para que serve a Literatura?» encontra vários caminhos orientados para a especificidade do texto literário, para o modo como ele tem sido encarado ao longo dos tempos e o “interesse cognitivo da Literatura”).
- Mello, C. (1998). *O Ensino da Literatura e a Problemática dos Géneros Literários*. Coimbra: Almedina.
[Questão (1^a Parte, Cap. 3) da representação dos modos e dos géneros literários, e incidência (3^a Parte) no ensino da literatura: “relações entre paradigmas didáctico-pedagógicos”, “prática pedagógica”, “integração de saberes no ensino”, “estratégias didáctico-pedagógicas de leitura”].

Monteiro, A. R. (2000). Proposições sobre a Educação para os Direitos do Ser Humano. In *Encontro Internacional- Educação para os Direitos Humanos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Pré-Publicação).

(Caracterização do professor como educador, com base em dados de documentação nacional e internacional. Defesa da educação de qualidade como direito humano, sob o princípio fundamental do direito à educação).

Paixão, M. L. L. (2000). *Educar para a cidadania*. Lisboa: Lisboa Editora.

(Retrospectiva do conceito de Cidadania e seu sentido moderno. Num texto breve, demonstra-se o espaço que a Cidadania deve ocupar nos objectivos do ensino, parte do “clima de escola”, incentivado pelos professores).

Praia, M. (1999). *Educação para a cidadania*. Porto: ASA.

(Num texto muito breve, explicam-se questões e conceitos ligados ao tema Educação para a Cidadania, sugerindo-se traços do perfil do novo cidadão).

Roldão, M. C. (1999). Cidadania e currículo. *Inovação, Vol.XII, Nº1*.

(Análise da cidadania no contexto do currículo escolar, ao longo do Séc. XX).

Rocheta, M. I. & Neves, M. B. (Org.) (1999). *Ensino da Literatura, Reflexões e Propostas a Contracorrente*. Lisboa: Cosmos.

(Questões nucleares da didáctica da Literatura, v.g. "Funções/para que serve", "Transporte e travessia/que relação com o tempo", "Ensinar literatura: reflexões e uma proposta", "O prazer e o dever/acto frutivo de ler", "Crise da linguagem, teoria da literatura, ironia").

Seixo, M. A. (1999). Serventia e Servidão da Literatura. *Incidências 1*. Lisboa: Inst. Est. Portugueses da F.C.S.H-U.N.L./Colibri.

(Sobre o objecto da Literatura e o problema da sua actualidade, destacando a responsabilidade da formação e da acção dos professores, do seu papel no agenciamento de transformações que se processam no campo literário).

Silva, V. A. (1998-1999). Teses sobre o ensino do texto literário na aula de português. *Diacrítica, 13-14*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos-Univ. Minho.

(Exposição, uma a uma, de dez teses sobre o papel que, no ensino do português, tem cabido ao texto literário, espaço privilegiado de encontro de linguagens, lugar de realização do cânone, de formação do gosto, da aptidão interpretativa, da integração cultural e da apropriação emuladora do desejo da escrita).

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na escola*. Porto: ASA.

(Analisam-se conceitos e estabelece-se um marco de reflexão geral sobre a teoria do currículo e o desenvolvimento curricular que o professor seria obrigado a dominar, definindo-se também o lugar que cabe hoje ao professor desempenhar na escola).

2. Teoria Literária e Ensaio

AA.VV. (1995). *Teoria Literária*. Lisboa: Dom Quixote.

(Do índice do livro se deduzem as suas orientações dominantes: 1ª Parte, "Identificação e Identidades do Facto Literário", 2ª Parte, "O Sistema Literário", 3ª Parte, "Texto e Comunicação Literária", 4ª Parte, "Vias e Meios da Crítica", Documento, "Escrever História").

Angenot, M. (1984). *Glossário da Crítica Contemporânea*. Lisboa: Comunicação.

(Com mais de cinco centenas de entradas, a obra tem em vista, segundo a prefaciadora, ajudar à decifração dos discursos em circulação, à compreensão das linguagens que hoje se desenvolvem, definindo noções, conceitos, categorias, e remetendo para a leitura das fontes).

Barthes, R. (1989). *Elementos de Semiologia*. Lisboa: Edições 70.

(Sob uma orientação estruturalista, o autor descreve e define grupos de termos operatórios, como "Língua e Fala", "Significado e Significante", "Sintagma e Sistema", "Denotação e Conotação", deles extraindo indicações úteis para a análise do texto literário).

Benveniste, E. (s.d.). *O Homem na Linguagem*. Lisboa: Vega.

(Neste texto são fornecidos elementos operatórios essenciais para o estudo da pessoa verbal e das suas relações, da enunciação discursiva e narrativa, das formas pronominais na organização da déxis, da delimitação da subjectividade e da enunciação performativa).

Bourneuf, R. & Ouellet, R. (1976). *O Universo do Romance*. Coimbra: Almedina.

- (Segundo uma via bastante pedagógica, definem-se noções, categorias, conceitos, hoje comuns e essenciais no estudo da narrativa, com especial relevo para o estudo da focalização, do espaço, do tempo, das personagens e dos modos de representação).
- Carvalho, A. (1974). *Tratado de Versificação Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
(Conforme refere o título, o texto ocupa-se do domínio técnico que preside ao estudo das formas de expressão e de conteúdo do texto poético, caracterizando o que de essencial interessa conhecer a respeito da versificação, metrificção, ritmo e respectivas qualidades).
- Coelho, J. P. (Dir.) (1978). *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas.
(Além da matéria literária, reúnem informação de muito útil consulta os verbetes que, como indica o título, incidem sobre estilística literária).
- Ducrot, O. & Todorov, T. (1991). *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Dom Quixote.
(Por conjugação das orientações linguística e literária, são contempladas várias secções, como "Escolas", "Domínios", "Conceitos metodológicos", "Conceitos descritivos", que oferecem seguras pistas de trabalho numa primeira aproximação dos textos de poesia e narrativa).
- Eco, U. (1977). *O Signo*. Lisboa: Presença.
(Atenção ao signo essencial nos processos de verbalização; o "processo sígnico", suas "classificações" e "estruturas"; outros aspectos que interessam à análise literária assente na significação e na produção de sentido).
- Eco, U. (1983). *Leitura do Texto Literário - Lector in Fabula*. Lisboa: Presença.
(Tomado o texto como estruturação e um sistema de linguagens, as suas significações orientam-se segundo processos de codificação que implicam a cooperação das performances do leitor, quer na organização dos sentidos, quer na relação do texto com os mundos possíveis representados).
- Genette, G. (s.d.). *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Vega.
(Texto sobre o "estudo sobre as várias possibilidades de organização da narrativa, obedecendo a uma vontade de sistematização e integrando as várias modalidades da sua efectivação", em sentido muito pedagógico, texto que, por outro lado, constitui a fonte de muitos outros trabalhos sobre narratologia).
- Le Guern, M. (1974). *Semântica da Metáfora e da Metonímia*. Coimbra: Almedina.
(Partindo da estilística, estudo das figuras na perspectiva semântica; consideração da "referência", "sinédoque", "símbolo", "sinestesia", "comparação", "motivações", "lexicalização", "estilística", "análise sémica").
- Lefebvre, M.-J. (1980). *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*. Coimbra: Almedina.
(Orientação pedagógica privilegiando a ordem da discursividade para nela explorar o eixo central da concepção do texto como "presentificação"; discurso como "imagem" diversamente realizada na poesia e na narrativa).
- Lotman, I. (1978). *A Estrutura do Texto Artístico*. Lisboa: Estampa.
(Domínios como arte como linguagem, significação, conceito de texto, texto e sistema, "construção do texto", níveis paradigmáticos e eixos sintagmáticos, composição e estruturas extratextuais, definem o essencial da obra artística numa perspectiva formal da arte).
- Moisés, M. (1987). *A Criação Literária*. São Paulo: Cultrix.
(Orientado para o texto narrativo, o conteúdo da obra ocupa-se do estudo, definição e caracterização dos géneros e formas "conto", "novela", "romance", "ensaio", "crónica", "teatro", "outras expressões híbridas", bem como da actividade "crítica literária").
- Reis, C. & Lopes, A. C. M. (1998). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.
(Apresentação sistemática e reflectida de noções, categorias, conceitos, modelos e percursos coerentes, orientada no sentido de um apetrechamento teórico e operativo fundamentado e consistente para uma leitura narratológica do texto literário).
- Seixo, M. A. (Coord.) (s.d.). *Categorias da Narrativa*. Lisboa: Vega.
(Textos que visam "fornecer operações metodológicas que possibilitem a análise geral da narrativa, conceitos definidos que permitam o entendimento dos textos descritivos e das personagens como agentes ou pacientes do relato e uma perspetivação geral sobre o problema do autor/narrador e suas relações com os factos que narra [...]; nele se integra ainda um texto sobre o monólogo interior).
- Silva, V. M. A. (1996). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina.
(Apresentação sistemática das questões respeitantes à teorização da literatura, como facto comunicacional, estético, poético, pragmático, entendida como conjugação produtiva, por um lado, das axiologias diacrónica e sincrónica e, por outro, dos conjuntos de noções, tópicos, categorias, conceitos, em ordem à caracterização do fenómeno literário como série em evolução histórico-periodológica, arquitecturas genológicas, textualização de práticas discursivas, redes significantes

lexicalizadas, retóricas, conotativas, simbólicas).

Wellek, R. & Warren, A. (1962). *Teoria da Literatura*. Mem Martins: Europa-América.

(Embora marcada pela datação histórica (início dos anos sessenta), o texto continua a oferecer respostas proveitosas, quer no entendimento transversal (e diacrónico) de várias literaturas (como é o caso das abrangidas pelo Programa), quer como indicam os autores unindo a "'poética' e o 'criticismo' à 'erudição' e à 'história literária'").

3. Antropologia, Cultura, Literatura, Crítica

AA.VV. (1984). *X Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa/ I Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Literaturas de Expressão Portuguesa*. Lisboa/Coimbra/Porto: Inst. de Cultura Brasileira-Univ. de Lisboa.

(Cerca de setenta textos de orientação vária, dedicados às literaturas lusófonas, incidentes quer sobre temáticas literárias, quer sobre questões de pedagogia da literatura).

AA.VV. (1985). *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise*. Paris: Centre Culturel Portugais-Fond. Calouste Gulbenkian.

(Cerca de sessenta textos dedicados às cinco literaturas africanas de língua portuguesa, orientados para os diversos aspectos que podem iluminar e esclarecer a questão da identidade destas literaturas emergentes).

AA.VV. (1987). *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-ACART.

(Uma vintena de textos de temas como oralidade, relação colonial/africanas, formação e desenvolvimento, intertextualidades, etnografia, e dedicadas a autores/obras (Cabo Verde: Gabriel Mariano, Baltasar Lopes; Angola: Luandino Vieira, Pepetela; Moçambique: Rui Knopfli, Grabato Dias, Luís Bernardo Honwana).

AA.VV. (1989). *A Voz Igual, Ensaaios sobre Agostinho Neto -Tomo 1*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida/Angolê.

(Conjunto de vinte e sete textos de ensaístas de diversos países, dedicados ao estudo de Agostinho Neto, o intelectual, o autor e obra, numa perspectiva ética-estética, poética e temáticas dominantes).

AA.VV. (1993). *Vértice*, Nº 55, II série. Lisboa: Caminho.

(Conjunto de dezasseis textos de orientação cultural, historiográfico-literárias e analítico-temática sobre narrativa e poesia, abrangendo Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde).

AA.VV. (1995). *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa-Discursos estudos de língua e cultura portuguesa, Nº 9*. Lisboa: Universidade Aberta.

(Três grupos de textos envolvendo questões culturais, de historiografia e análise literária, além da elaboração comentada de uma bibliografia, sendo o último dedicado a questões lusófonas gerais).

Almeida, A. W. B. (1979). *Jorge Amado: Política e Literatura, um estudo sobre a trajectória intelectual de Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Ed. Campus.

(Texto sobre as diferentes formas do romance de Jorge Amado, distribuídas pelo romance proletário, romance de tese, o realismo socialista e romance picaresco)

Augusto, S. (2000). Manuel Bandeira e o Modernismo. *Cadernos de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Viseu: Centro Regional da Beiras-Universidade Católica Portuguesa

(Estudo sobre o percurso literário de Manuel Bandeira, os movimentos que o influenciaram e a transformação, os temas, a técnica e as características modernistas da sua poesia).

Amarílis, O. (2000). Percursos do multiculturalismo. In M. A. Seixo, J. Noyes, G. Abreu & I. Moutinho (Eds.), *As Rotas do Multiculturalismo – escritos de viagem e pós-colonialismo*. Lisboa: Cosmos.

(Apresenta as influências culturais que a literatura cabo-verdiana manifesta, dando preponderância ao papel do texto brasileiro e do texto português).

Baptista, M. L. (1993). *Vertentes da Insularidade na Novelística de Manuel Lopes*. Porto: Afrontamento.

(Tese de Mestrado que compreende um estudo narrativo de *Flagelados do Vento Leste*, de Manuel Lopes, com destaque para os temas do telurismo, da evasão, da religiosidade e do querer bipartido).

Brasil, A. (1969). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Simões Editora.

(O fenómeno da criação do autor, no universo literário como “nova ficção brasileira”, com

- características regionalistas; processo de criação e da linguagem como efabulação, renovação, revelação, criação e mito).
- Brayner, S. (1978). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
(Partindo da biografia do autor e da situação da sua obra na literatura brasileira, estudo do estilo, dos processos poéticos e de aspectos de "rebelião e conservação", das temáticas e da evolução da poesia).
- Brayner, S. (1980). *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
(Cerca de vinte e oito textos com depoimentos sobre Manuel Bandeira, com estudos da poética e trajetória da poesia; análise da linguagem, presença do humor e da ironia, assim como abordagens de "Libertinagem").
- Carvalho, A. (1984). Prefácio. In Baltasar Lopes, *Chiquinho*. Linda-a-Velha: A.L.A.C.
(Caracterização do romance quanto à sua feitura, tempo literário de escrita e características genológicas e despiste circunstanciado das principais temáticas para um bom entendimento do texto).
- Carvalho, A. (1991). Prefácio, uma leitura compreensiva. In Gabriel Mariano, *Cultura Caboverdeana*. Lisboa: Vega
(Apresentação e análise de oito ensaios, uns socioculturais (sociedade, mestiçagem), outros literários, sobre os grandes temas "inquietação e serenidade", "amor e partida", "inquietação marítima", "inquietação social").
- Carvalho, A. (1993). Do Olhar Português para a Cultura Crioula. *Românica, Nº 1-2*. Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas/Cosmos.
(Abordagem globalizante de questões relativas à formação do espaço cultural e escolar, ao desenvolvimento no Séc. XIX e à maturidade da escrita literária da modernidade da década de 1930).
- Carvalho, A. (1995). Evasionismo, configuração existencial da insularidade caboverdeana. In *Coscienza Nazionale Nella Letterature Africane di Lingua Portoghese*. Roma: Bulzoni.
(Como indica o título, analisa-se o "evasionismo", relação de endereço a "outrem" como expressão, em essência, do homem cultural irredutível ao isolamento das ilhas).
- Carvalho, A. (1995). Magia e Tradições na Escrita da História, em *Ualalapi*, de Ba Ka Khossa. In *Dédalus, Nº 5*. Lisboa: Associação Portuguesa de Literatura Comparada/Cosmos.
(Problemática da escrita da "História" pelo escritor, em obra de tipografia intertextual, por referência a versões contraditórias sobre Ngungunhane, por cotejo com uma versão obtida por escuta de uma fala tradicional).
- Carvalho, A. (1996). Sobre o Culto de Camões, Convidado das Ilhas Crioulas. *Românica, Nº 4*. Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas/Cosmos.
(Considera-se a formação escolar, liceal e primário, dos autores do Séc. XIX, repercutida nas suas estéticas e poéticas, o elemento modelador da sua inspiração camoniana épica e lírica).
- Carvalho, A. (1997). Prefácio. In Manuel Santos-Lopes, *Falucho Ancorado*. Lisboa: Cosmos.
(Em cerca de sessenta páginas, um capítulo, "Um pouco de historiografia", traça o processo formativo da modernidade literária, e outro, "Poesia de Manuel Lopes", procede ao estudo da poesia do autor segundo os seus ciclos poéticos e temáticas dominantes).
- Castelo, J. (1999). *Vinicius de Moraes o poeta da paixão: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras/Fundação Biblioteca Nacional.
(Reflexão sobre a relação entre o homem, o poeta e a criação literária, a vivência/experiência poética e os temas fundamentais da sua poesia: o mistério, a paixão, a morte e a metafísica).
- Cerqueira, D. D. (1979). *Travessia I -De Guimarães Rosa a Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Segrafe, Associação Fluminense de Educação.
(Estudos de Literatura Brasileira, sobre a expressividade sonora dos textos de Guimarães Rosa, a sua relação com a literatura clássica e a popular, assim como sobre os aspectos do regionalismo modernista).
- Chabal, P. (1994). *Vozes Moçambicanas*. Lisboa: Vega.
(Panorâmica da literatura com inserção de autores em grupos de cultura mestiça, de literatura «europeia»/textos moçambicanos brancos, de literatura nacionalista e revolucionária e de literatura de moçambicanidade).
- Chiappini, L. (1987). *No entretanto dos tempos*. S. Paulo: Martins Fontes.
(Trabalho que disserta sobre a relação entre a História, o regionalismo e a ideologia, os temas, a narração e a experiência).
- Cristóvão, F. (1883). *Cruzeiro do sul, a norte, estudos luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- (Conjunto de ensaios sobre a “Literatura como sistema nacional”, de que se destacam os estudos como “Jorge Amado, romancista de intervenção”, a História como literário, “Clarice Lispector ou a estética da inevitável ruptura” e “a poesia de Carlos Drummond de Andrade”).
- Cristóvão, F. (1994). *Diálogos da Casa e do Sobrado, ensaios luso-brasileiros e outros*. Lisboa: Cosmos.
- (Dezoito textos de historiografia, crítica literária e reflexão cultural, destacando-se os estudos sobre “o sertão como espaço mágico, fantástico e sobrenatural”, o romance de Jorge Amado e “a pedagogia da revolução”, o valor da linguagem, bem como algumas questões sobre o regionalismo).
- Cristóvão, F., Ferraz, M. L. & Carvalho, A. (Coord.) (1997). *Nacionalismo e regionalismo nas Literaturas Lusófonas*. Lisboa: Cosmos.
- (Cerca de noventa textos contemplando as literaturas portuguesa, incluindo região da Madeira, brasileira e africanas de língua portuguesa, segundo perspectivas diversificadas, panorâmica, historiográfica, cultural, ideológica, intertextual, temática incidente sobre autores-obras).
- Coutinho, E. F. (1983). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- (Textos sobre aspectos linguísticos, “repertório verbal”, “G.R. e o processo de revitalização da linguagem”, “G.R. e a linguagem literária”, “processo da linguagem, processo do homem”– e temáticos, tais como o amor e o motivo infantil. Destacam-se também os textos sobre “o ritmo em O Burrinho Pedrês” e “G.R., neo-realista”).
- Damasceno, D. (1982). *Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: Agir.
- (Estudo crítico que explora a variedade temática, o vituosismo técnico, a trajetória literária de Cecília Meireles – do intimismo para a exteriorização – tendo em conta a visão do mundo, a exaltação do sentimento nacionalista, o mundo da vida mineira setecentista, o jogo de ambientes e o clima emocional do cantar épico-lírico de *Romanceiro da Inconfidência*).
- Ferreira, M. (1977). *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa (2 vols.)*. Lisboa: I.C.P., M.E.I.C./Secretaria de Estado da Investigação Científica.
- (Síntese historiográfica, desde o Séc. XIX até à actualidade, das literaturas assim distribuídas: Vol. I, "Introdução Geral", "Cabo Verde", "S. Tomé e Príncipe" e "Guiné-Bissau"; Vol. II, "Intróito", "Angola", "Moçambique", "Comentário final". Incluem pequenas listagens bibliográficas).
- Ferreira, M. (1985). *A Aventura Crioula*. Lisboa: Plátano.
- (Longo trabalho panorâmico dedicado à apresentação da sociedade cabo-verdiana, sob todos os aspectos que interessam ao seu conhecimento histórico, etnográfico, cultural, literário, considerando questões como “língua crioula”, “morna”, “fabulário”, periodologia literária e autores de referência).
- Ferreira, M. (1988). *No Reino de Caliban (3 vols.)*. Lisboa: Plátano.
- (Antologias poéticas respeitantes a, respectivamente, Vol. I, Cabo Verde e Guiné-Bissau, Vol. II, Angola e S. Tomé e Príncipe e Vol. III, Moçambique, organizadas segundo o critério cronológico e geracional que, por sistema, se faz acompanhar de introduções para caracterização dos sucessivos agrupamentos de autores-obras).
- Ferreira, M. (1989). *O Discurso no Percurso Africano*. Lisboa: Plátano.
- (Reunião de ensaios publicados que o autor define como “contributo para uma estética africana”, nos campos da “Crítica”, “História”, “Cultura”, com questões gerais que interessam ao conhecimento do conjunto das cinco literaturas africanas, bem como temas de incidência mais particular).
- Filho, J. L. (1995). *Cabo Verde. Retalho do Quotidiano*. Lisboa: Caminho.
- (Apresentação etno-antropológica da realidade cabo-verdiana, do “ciclo da vida”, rituais de “nascimento”, de “matrimónio”, de “morte/luto”, o eixo profano/religioso e seus sincretismos e festejos (v.g., romarias, divina, Natal, Ano Novo) e as tecnologias tradicionais).
- Franco, A. C. (1996). *Exercício sobre o Imaginário Cabo-Verdiano: Simbologia telúrico-marítima em Manuel Lopes*. Évora: Pendor.
- (Tese de Mestrado sobre o mito sisifiano e Renascimento em *Flagelados de Vento Leste*; elementos centrípetos e centrífugos (chuva, sol, seca, água, vento, fome, colheita) e simbologia da gruta e da montanha).
- Gonçalves, A. A. (1998). *Ensaio e Outros Escritos*. Praia-Mindelo: Centro Cultural Português.
- (Ensaio sobre Eça de Queiroz e Erico Veríssimo e sobre problemas relativos a tópicos culturais e literários acerca da narrativa, das origens da literatura, da caracterização da cultura crioula, das personalidades cabo-verdianas de Cónego Bouças, B. Leza, Djunga e angolana de Agostinho Neto).
- Gonçalves, P. (1998). Para uma aproximação língua-literatura em português de Angola e Moçambique. *Palavras, nº14*. Lisboa: Associação de Professores de Português

- (Exploração das características criativas e inovadoras da linguagem utilizada por Luandino Vieira e Mia Couto nas suas obras, no sentido de uma abordagem linguística da linguagem literária)
- Hamilton, R. G. (1981/4). *Literatura Africana Literatura Necessária* (2 vols.). Lisboa: Edições 70.
- (Tese de Doutoramento reescrita; o Vol. I compreende Angola e o Vol. II Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, em estudos de orientação historicista, de descrição, caracterização e interpretação das séries literárias, centradas em autores considerados representativos, numa perspectiva que valoriza o empenhamento ideológico/político da escrita).
- Helena, L. (1997). *Nem Musa, nem Medusa, Itinerários da escrita em Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- (Tese que faz o estudo da obra de Clarice Lispector situando-a na confluência do regionalismo/naturalismo e romantismo/simbolismo, analisa a sua poesia, tendo em conta três questões, a do sujeito, a da escrita e a da história, e disserta sobre o “feminino segundo Lispector” e as questões filosóficas suscitadas pela sua obra).
- Laranjeira, P. (1985). *Literatura Calibanesca*. Porto: Afrontamento.
- (Em onze artigos, abordam-se questões gerais sobre as literaturas africanas lusófonas, numa perspectiva entre o diacrónico e o analítico, respeitante a tópicos e temas que dão privilégio à componente angolana (Alfredo Troní e Luandino Vieira).
- Laranjeira, P. (1992). *De Letra em Riste*. Porto: Afrontamento.
- (Identidade, autonomia e outras questões na Literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe", abordam-se tópicos respeitantes às interferências brasileira, negritudinista e neo-realista nas literaturas lusófonas e à recepção de Pão & Fonema, do cabo-verdiano Corsino Fortes).
- Laranjeira, P. (1995). *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Porto: Afrontamento.
- (Texto que foi Tese de Doutoramento do autor, constitui uma vasta explanação da tese da integração negritudinista das literaturas referidas em título, abrangendo a "História e teoria da Negritude", a consideração da "Poesia, Representação do Real e Ideologia", e "O Discurso do Negro", incidindo transversalmente sobre poetas das literaturas angolana, moçambicana e são-tomense).
- Leite, A. M. (1991). *A Poética de José Craveirinha*. Lisboa: Vega.
- (Texto de Dissertação de Mestrado sobre a produção poética de José Craveirinha, organizado em três partes que analisam o tipo de linguagem (manifesto, afirmação, poética profética), o emprego da metáfora como processo de criação e a tendência narrativa (modos discursivos, temas).
- Leite, A. M. (1995). *A modalização épica nas literaturas africanas*. Lisboa: Vega.
- (Tese de Doutoramento que explora a presença do discurso épico na literatura tradicional/oral e na moderna literatura africana, a partir das formas ideológica e paródica, relacionando a modalização épica e a identidade nacional, a nível do universo de enunciação e do maravilhoso).
- Leite, A. M. (1998). *Oralidades & Escritas nas Literaturas Africanas*. Lisboa: Colibri.
- (Estudo sobre empréstimos da oralidade na produção e crítica literárias africanas, acompanhado de análise de alguns aspectos relativos à temática literária, a partir das obras de alguns autores).
- Lima, A. A. (1988). *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Agir.
- (Trabalho desenvolvido em três aspectos: os dados biográficos, o enquadramento histórico e o estudo da trajectória da obra de Manuel Bandeira, tendo em conta as diferentes fases).
- Lisboa, E. (1996). *Crónica dos Anos da Peste*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (Os textos “algumas considerações em torno da poesia de José Craveirinha”, “a literatura moçambicana à vol d’oiseau”, “Mangas Verdes com Sal, um novo livro de Rui Knopfli”, “Nota muito sumária a propósito da poesia em Moçambique”, além de outros textos, oferecem leituras que valorizam o primado do literário sobre o ideológico na indagação do valor e do sentido da arte dos autores, da especificidade do fenómeno literário, dos seus motivos, temas recorrentes, inflexões e ritmos particulares).
- Lopes, O. (1986). Prefácio: Das coisas e do seu avesso (Sobre a Poética de Melo Neto), In João Cabral de Melo Neto, *Poesia Completa 1940-1980*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (Incidente sobre a linguagem como reelaboração da tradição letrada e dos romanceiros nordestinos, com marcas de comprometimento e de sátira. Como “poética do pouco” e “poética do não”, é ainda encarada como “uma meditação de ontologia, de poética e de ética”, “antinomia obsessiva entre o espaço e o tempo” e desmistificação da morte através da “coisificação ou mineralização”)
- Margarido, A. (1980). *Estudos Sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo.

- (Recolha de trabalhos que compreende vários capítulos, "Teorias e Epistemologias", sobre distintas questões respeitantes à génese e desenvolvimentos das literaturas em título, e outros dedicados a "Angola", "Cabo Verde", "Moçambique" e "São Tomé e Príncipe" abordando tópicos gerais e temáticas específicas com apoio num corpo de informações muito pormenorizadas).
- Mariano, G. (1991). *Cultura Caboverdeana*. Lisboa: Vega.
(Conjunto de textos de incidência sócio-cultural, respeitantes à formação da sociedade e ao protagonismo da mestiçagem, e ainda a alguns dos grandes temas da poesia, "inquietação e serenidade", "amor e partida", "inquietação marítima", "inquietação social").
- Martinho, A.M.M-F. (2001). *Cânones Literários-Os Casos Angolano e Moçambicano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
(Tese de Doutoramento que se orienta para as questões do cânone literário, da sua evolução e dos modelos de leitura, em relação com problemas educativos e com a aplicação da pedagogia no ensino da literatura em Angola e Moçambique, tendo ainda em vista questões de específica contextualização como a genologia, o horizonte de expectativas e a complexidade das linguagens textuais).
- Mata, I. (1993). *Emergência e Existência de uma Literatura: o caso santomense*. Linda-a-Velha: ALAC.
(Abordagem da questão da literatura de São Tomé e Príncipe, a partir da "formação colonial" da sua sociedade insular e da formação histórica da literatura com incidência em temas como "consciencialização", "mestiçagem", "mulher/amor", "mar" e "espaço" com directas referências).
- Mata, I. (1999). Antologias literárias de S. Tomé e Príncipe e o seu papel na afirmação da santomensidade literária. *Palavras*, nº15. Lisboa: Associação de Professores de Português.
(Explicação do percurso das antologias literárias de S. Tomé e Príncipe, realçando e distinguindo o seu papel na divulgação literária daquele país e das melhores características dos seus autores).
- Monteiro, A. C. (1965). *A palavra essencial – estudos sobre poesia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo.
(Obra que disserta sobre a ideia de modernidade na poesia e sobre os problemas da poesia moderna, dedicando uma parte à obscuridade da poesia de Carlos Drummond de Andrade).
- Oliveira, M. A. F. (1997). *A Formação da Literatura Angolana (1851-1950)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
(Constituindo inicialmente a Tese de Doutoramento do Autor, o seu conteúdo obedece à informação do título, sem deixar de abordar, na formação da dinâmica identitária nacional, a questão da "Literatura Colonial" portuguesa e os vectores de convergência "Santomense" e "Evangélico").
- Peregrino Junior (1975). *José Lins do Rego, romance*. Rio de Janeiro: Agir.
(Estudo da narrativa de José Lins do Rego como misto de crítica social e de criação poética, como epopeia rural do Brasil e como ficção capaz de fixar os conflitos íntimos do homem, tendo em conta as influências dos contadores de histórias e a singularidade do estilo do autor).
- Ribeiro, M. A. (1994). *Literatura Brasileira*. Lisboa: Universidade Aberta.
(Panorâmica da literatura desde as suas raízes, incluindo diferentes movimentos literários – barroco, arcadismo, romantismo, pós-romantismo e modernismo, com relevo para Manuel Bandeira como expressão da tradição e inovação)
- Santos, E. R. (1989). *As Máscaras Poéticas de Jorge Barbosa e a Mundividência Cabo-Verdiana*. Lisboa: Caminho.
(Tese de Mestrado sobre Jorge Barbosa e seu contexto literário orienta-se para o estudo que toma a "insularidade" como núcleo definidor de temas, p.ex., "viagem" factual e intelectual, "terra" e seus mitos, "religiosidade", "morte", "real/onírico", "influência" do poeta na cena literária cabo-verdiana).
- Santos, W. (1978). *Os Três reais da ficção, o conto brasileiro hoje*. Petrópolis: Editora Vozes.
(Colectânea de dezassete textos em torno do conto, com relevo para "a narração em primeira pessoa em Guimarães Rosa", "a definição de literatura em Clarice Lispector", a consciência literária contemporânea, as funções, as formas e sentidos da narrativa).
- Sena, J. (1988). *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa: Edições 70.
(Conjunto de quarenta e oito estudos sobre questões culturais e literárias, sobressaindo os que dissertam sobre o modernismo brasileiro e a especificidade da poesia de Cecília Meireles, Carlos Drummond e Manuel Bandeira).
- Soares, F. (2001). *Notícia da Literatura Angolana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
(Estudo documentado da literatura angolana, problematizando a eclosão, desenvolvimento e evolução contemporânea sob o ângulo dos seus relacionamentos intertextuais e interculturais, neles incluindo os

- endereços polémicos do luso-tropicalismo e da negritude)
- Teles, G. M. (1985). *Estudos de Poesia Brasileira*. Coimbra: Almedina.
(A concepção da literatura como “organização estética da linguagem comum”, “o processo da modernidade” da literatura brasileira, os primeiros manifestos futuristas, as várias gerações modernistas, “A experimentação da poesia” de vanguarda (M. Bandeira, Drummond de Andarade, C. Meireles, Vinicius de Moraes, J. C. de Melo Neto), são alguns dos textos deste estudo de criteriosa orientação interpretativa).
- Trigo, S. (1977). *Introdução à Literatura Angolana de Expressão Portuguesa*. Porto: Brasília.
(Com base na caracterização dos segmentos históricos, “1850 a 1900”, e “1900 a 1948”, analisam-se os temas balizadores “Literatura colonial”, “Pan-africanismo”, “Negritude” e “Enquadramento sócio-histórico de ‘Vamos descobrir Angola’” úteis para o entendimento cultural e literário da modernidade literária angolana, nacional e nacionalista).
- Trigo, S. (1979). *A Poética da ‘Geração da Mensagem’*. Porto: Brasília.
(Dando sequência ao texto anterior (Trigo, 1977), neste abordam-se questões da literatura angolana associadas a antecedentes remotos e imediatos (internos) e externos (brasileiro, negritudinista) para explicar as motivações do ideário, ético, estético e poético da geração de “Mensagem” (angolana, distinta da da Casa dos Estudantes do Império, Lisboa).
- Trigo, S. (1981). *Luandino Vieira O Logoteta*. Porto: Brasília.
(Tese de Doutoramento que constitui um percurso dissertativo sobre o entendimento de questões suscitadas pelo tópico da linguagem literária e da estética africana, tendo em vista a obra de Luandino Vieira da fase de inovação discursiva, perspectivada como descentramento, ruptura, e recriação original).
- Venâncio, J.C. (2000). *O Facto Africano-Elementos para Uma Sociologia de África*. Lisboa: Vega.
Entre limites diacrónicos de largo alcance, uma perspectiva sociológica inovadora elucida alguns tópicos essenciais envolvendo a África Pré-colonial, o Colonialismo, a dinâmica nacionalista e os sentidos dominantes nos tempos de presente, como moldura e fundo referencial do desenvolvimento das literaturas do continente africano.

4. Enciclopédias, Dicionários, Revistas

- África arte literatura cultura* (Dir. Manuel Ferreira). Linda-a-Velha: ALAC (Publ. suspensa).
Colóquio-Letras. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
Diacrítica (Dir. Vítor Manuel Aguiar e Silva). Braga: Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho.
Dicionário de Literatura, 5 Vols. (Dir. Jacinto do Prado Coelho) (1978). Porto: Figueirinhas.
Enciclopédia BIBLOS, 3 Vols. Lisboa: Verbo.
História da Literatura Brasileira, 3 Vols. (Dir. Sílvio Castro) (1999). Lisboa: Alfa.
Incidências. Instituto de Estudos Portugueses da F.C.S.H, da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: Colibri.
Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira (Dir. José Paulo Paes & Massaud Moisés) (s.d.). São Paulo: Cultrix.
Românica. Departamento de Literaturas Românicas/FLUL. Lisboa: Cosmos.

5. Endereços na Internet

- Através de um qualquer “motor de busca”, “Angola”, “Brasil”, “Cabo Verde”, “Moçambique”, “São Tomé e Príncipe”, “Timor”
- www.brasil-cultura@dix.pt
www.canalbrasil.com
www.centroculturalgaucho.com.br
http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/jorge_amado/corpo.html
www.cplp.org/paises.html

<http://www.cultura.com.br>
www.ebonet.net/canais/cultura/literatura/index.cfm
www.end-brasil.pt
www.matalana.cjb.net
<http://members.tripod.com.br/viniciusdemoraes>
www.netideias.com/projectoafrika
<http://pascal.iseg.utl.pt>
www.terravista.pt/baiagatas/1095/index.html
www.terravista.pt/bilene/1418/entrada.html
www.terravista.pt/ilhadomel/4201/index.htm
www.terravista.pt/ilhadomel/5111/brasil/lit.html